

ISSN: 2448-136X.

REFLEXÃO

CULTURA

ARTE

tom\_ufpr

V.1, N.1 | 2015

A high-contrast, grainy black and white photograph of a textured surface, possibly a rock or concrete. The surface is covered in various shades of gray, with some areas appearing much brighter than others, creating a complex, almost abstract pattern. A bright pink word is overlaid on the upper left portion of the image.

**expediente**

TOM UFPR é uma publicação de **periodicidade semestral** dedicada à arte e à cultura produzida pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**Reitor**Zaki Akel Sobrinho

**Vice-Reitor**Rogério Andrade Mulinari

**Pró-Reitora de Extensão e Cultura**Deise Cristina de Lima Picanço

**Coordenador de Cultura**Ronaldo de Oliveira Corrêa

**EQUIPE TOM UFPR**

**Autor Corporativo**Coordenadoria de Cultura da Pró Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná.

**Endereço**Travessa Alfredo Bufrem\_ 140\_3ºAndar\_Centro  
CEP80020040\_Curitiba\_PR

**e-mail**tomcadernodeensaios@ufpr.br

**Telefone**(41) 3310-2832

**Editor**Ronaldo de Oliveira Corrêa

**Coordenação editorial**Patricia Guilhem de Salles

**Curadoria**Equipe TOM UFPR

**Projeto gráfico**Victor dos Reis Damaceno Uchoa (bolsista)

**Imagens**Ana Carolina Lino Buissa (bolsista);  
Mariana Midori (bolsista)

**Textos**Ana Carolina Maoski (bolsista); Gabriel Miranda (bolsista);  
Giulia El Halabi (bolsista); Patricia Guilhem de Salles

**Colaboradores convidados**Aline Gonçalves, Bibiana Nilsson;  
Cainá Alves, Eduardo Nascimento, Harry Crawl, Iphan

**Revisão**Rebeca Pinheiro Queluz

**Periodicidade**Semestral

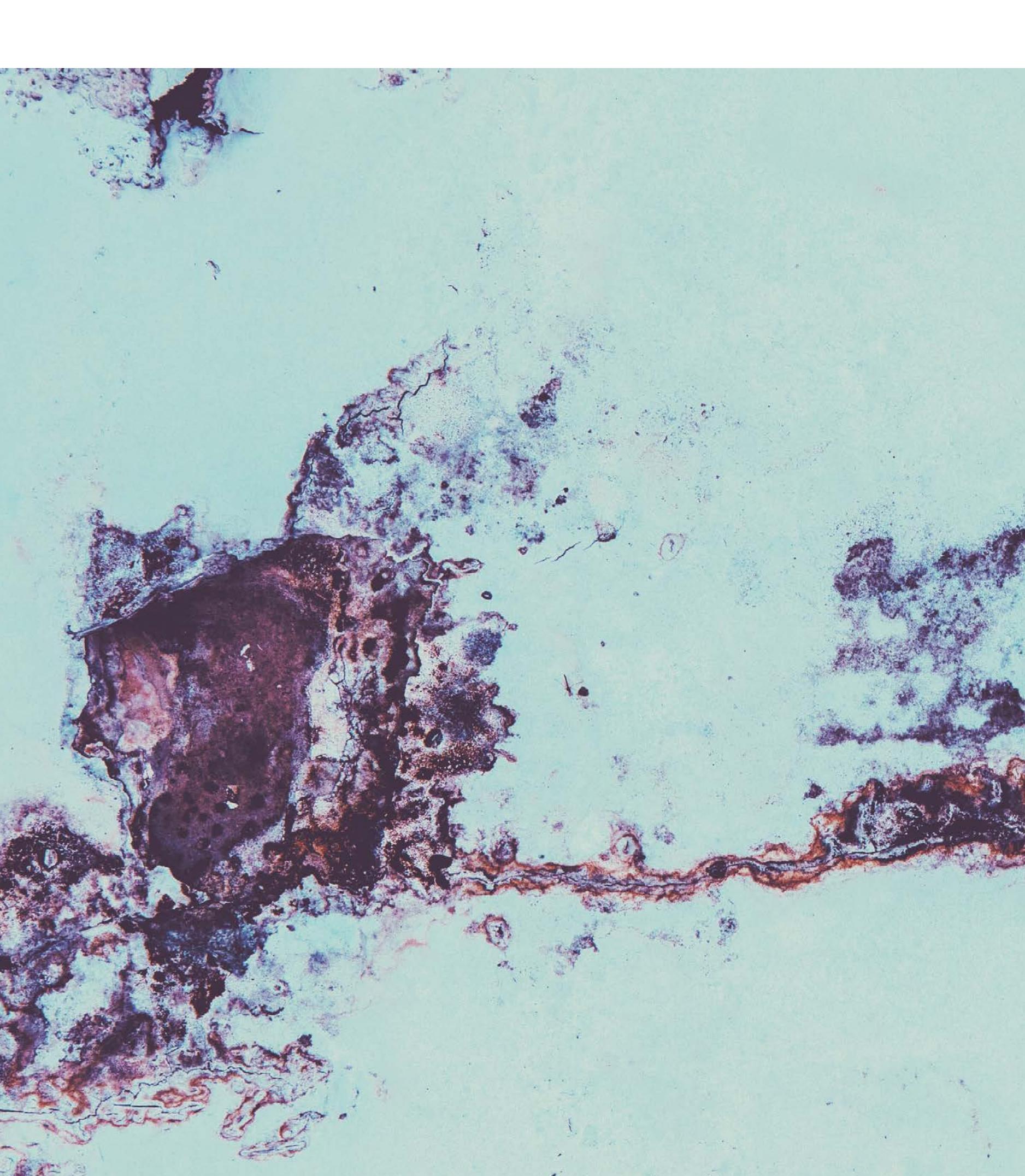
**Endereço eletrônico** [issuu.com/tom\\_ufpr](http://issuu.com/tom_ufpr)

**e-mail**tomcadernodeensaios@ufpr.br

**Telefone**(41) 3310-2832

Foram feitos todos os esforços para identificar os proprietários de direitos autorais. Qualquer erro ou omissão acidental pedimos, por favor, que comunique a equipe do TOM UFPR para as devidas providências.





# sumário

## APRESENTAÇÃO

**8** 1 TOM *Equipe do TOM UFPR*

## TRANSITÂNCIAS

- 14** O início dos 25 anos de uma semana mágica *Gabriel Miranda\_coc\_ufpr*
- 20** Festival de Inverno da UFPR em Antonina *Carlos Alberto Faraco; Márcia Scholz de Andrade Kersten; Márcia Simões Fontoura\_ufpr*
- 28** Um olhar capelista sobre o Festival de Inverno da UFPR *Patricia Guilhem de Salles\_coc\_ufpr*

## ERRÂNCIAS VERBAIS

- 36** A Orquestra Filarmônica da UFPR, o Festival de Antonina, a Filarmônica Antoninense – perspectivas *Harry Crowl\_of\_ufpr*
- 42** É possível ousar para promover uma educação complexa *Aline Gonçalves\_setor litoral\_ufpr*
- 46** Festival de Inverno – Patrimônio vivo de Antonina *José La Pastina Filho; Lia Mity Ono; Letícia Nardi\_iphan*
- 54** Maré das Artes: três anos de Construção Conjunta *Bibiana Nilsson – pró-reitoria de extensão\_ufrgs*

## DAR O TOM

- 60** Entrevista com Uiara Bartira *Ana Carolina Maoski\_coc\_ufpr*

## ERRÂNCIAS VISUAIS

- 72** #1 *Eduardo Nascimento*
- 98** #2 *IPHAN*
- 114** #3 *Ana Lino*

## NOTAS DISSONANTES

- 128** Depoimentos e devaneios poéticos *Cainã Alves\_filarmônica antoninense*
- 132** Pequenas notas e comentários *Giulia El Halabi\_coc\_ufpr*



PRESENTAÇÃO

AMOR

AMOR

AMOR

AMOR

AMOR

AMOR

AMOR



apresentação

sentação

tação

apresentação

## APRESENTAÇÃO

# 1 tom

EQUIPE DO TOM  
CADERNO DE ENSAIOS

O TOM UFPR é uma publicação dedicada à promoção e à valorização dos temas da cultura e da arte. Tem por propósito fazer circular as diferentes vozes que constituem a pluralidade cultural brasileira de modo a ampliar o direito à liberdade de expressão cultural e à comunicação. No âmbito da UFPR, o caderno de ensaios tem por finalidade abordar a produção cultural do Estado do Paraná, atentando para as diversidades regionais e suas especificidades em articulação crítica com a produção nacional.

Construído como uma ação de comunicação para a cultura, TOM atende às diretrizes definidas pelo Ministério da Cultura - MinC no Plano Nacional de Cultura (Lei Nº 12.343/2010) para a disponibilização de informações em meios consolidados como o rádio e a TV, as revistas e o jornais, bem como aqueles ainda em consolidação, como as plataformas compartilhadas e as redes sociais em ambientes da internet. Essas diretrizes têm como princípio promover a circulação da reflexão sobre as produções artísticas e culturais, o debate a respeito do acesso à cultura e à cidadania plena.

O TOM UFPR é um editorial, desenvolvido pela equipe da Coordenadoria de Cultura – COC, unidade vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

- PROEC da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em formato digital e com periodicidade semestral, que pretende abordar crítica e reflexivamente os conteúdos culturais e artísticos por meio de ensaios verbais/textuais, visuais/imagéticos ou, ainda, híbridos (verbo-imagéticos).

Nesse número os Festivais de Cultura atuarão como o eixo que articula diferentes visões sobre a cultura e a diversidade cultural. Entendemos os Festivais como mediações entre as práticas culturais e artísticas e o acesso aos direitos culturais. Ao propor os Festivais de Cultura como tema de abertura espera-se, por um lado, realizar uma homenagem ao Festival de Inverno da UFPR em Antonina, que completa vinte e cinco anos de existência. Por outro, inaugurar de forma festiva o Caderno de Ensaios.

O número que agora apresentamos conta com a colaboração de agentes e instituições que foram especialmente convidadas para essa edição. Na seção denominada Transitâncias, que aborda de forma retrospectiva o tema proposto para cada edição, textos fragmentários reconstroem o primeiro dia do Festival de Inverno em Antonina no ano de 1991; apresentam-nos um panorama sociocultural e político-institucional da organização de um festival de cultura na década de 1990 e nos contam as impressões da comunidade de Antonina com relação às práticas culturais e artísticas que vêm acontecendo no Festival de Inverno nos últimos anos.

A seção Errâncias Verbais, dedicada a apresentar reflexões descontínuas para a constituição de um panorama a respeito do tema, conta-nos sobre a articulação entre a Orquestra Filarmônica da UFPR e a Filarmônica Antoninense na produção de uma experiência que constrói uma imaginação sonora sobre o litoral do Paraná; a experiência do Setor Litoral da UFPR na articulação das práticas de aprendizado, a circulação de saberes e práticas locais e os festivais culturais; uma ponderação sobre o caráter de memória e patrimônio que atravessa os Festivais de Cultura, em especial, o Festival de Inverno da UFPR; a história do Festival de Inverno Maré de Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que semelhante ao Festival de Inverno da UFPR, pretende ser mediação cultural entre a Universidade e a Sociedade.

Errâncias Visuais define a seção de ensaios imagéticos. Essa galeria digital tem por proposta ser um acervo vivo onde os temas são re-apresentados a partir da ideia de descoleção. Para descolecionar faz-se necessário empreender na aventura de samplear, amalgamar, ou melhor, expor os processos de hibridação pelos quais as imagens apresentadas passaram, desde a formalização



do enquadramento até sua ficção visual. Nessa primeira descoleção imagens e imaginações são apresentadas de forma a mostrar que o Festival de Inverno da UFPR e a cidade de Antonina escondem e expõem camadas de significados que são agenciados pelos fotógrafos e por quem frui as imagens.

A entrevista da artista Uiara Bartira inaugura a seção Dar o Tom. No ritmo da memória a seção pretende ser um registro da trajetória e de divagações de algumas personagens, a cerca de suas práticas e ações sobre o tema da cultura e da arte. Com essa seção iniciamos uma série documento que vai ao encontro da preocupação com a memória institucional e a respeito das ações para a cultura.

Encerra o TOM a seção Notas Dissonantes. Essas se caracterizam por serem textos curtos, pequenas notas e comentários, depoimentos e devaneios poéticos realizados pela equipe do TOM, seus colaboradores ou, ainda, encaminhados para a equipe pelos leitores e leitoras, pensados como interlocutores nesse diálogo que iniciamos. Nesse número, contamos com depoimentos e algumas notas e comentários sobre o Festival de Inverno de 2014.

Esperamos que esse número do TOM UFPR possa ser a mediação de um diálogo que iniciamos com a sociedade, uma estratégia para discutir e refletir sobre os temas da cultura e da arte de forma mais direta. O Caderno se caracteriza por ser uma mediação de divulgação, com textos diretos e ensaísticos. Como se diz no Festival de Inverno da UFPR: Tudo pronto! ■



Stanzos

Stanzos

Stanzos

Stanzos





transitâncias

transitâncias

transitâncias



# O Início dos 25 Anos de uma Semana Ma

“TUDO PRONTO!” , anunciava Rafael Pacheco, naquela noite especial de 30 de junho de 1991, o início do Festival

de Inverno, subia naquele tablado de madeira a metro e meio do

chão a Filarmônica Antoninense para convidar a todos ali presentes a participarem daquela semana única. Era o início de uma semana

inteira de construções, aprendizados e relacionamentos intensos e muito marcantes, é, também, para alguns, o fim do parto de um filho muito esperado. Essa pretensa gestação começaria muito antes da primeira visita técnica à cidade, onde ali chegaram o próprio Rafael Pacheco, diretor do grupo de dança da Universidade e responsável pela direção dos espetáculos, a primeira coordenadora de cultura da UFPR e mentora do Festival, Márcia Fontoura, além de seu amigo antoninense e então chefe do Departamento de Artes, Eduardo Nascimento.

De fato tanto a Márcia como o Eduardo, a relação mantida pelos dois, foram fundamentais para se pensar o Festival, a ponto de serem considerados mãe e pai do mesmo. No entanto, ao olhar

OS GABRIEL  
MIRANDA

ágica

para o passado desse evento vemos que o espírito que possibilitou sua criação abrange uma rede considerável de relações, e a significativa atuação de muitas pessoas compromissadas com a ideia. Além de nos remeter a algumas décadas anteriores para, por

exemplo, a criação do curso de Artes da UFPR em

1975/76, influenciado e constituído nesse primeiro momento por algumas personagens da Escola de Música e Belas Artes, que também ajudaram a fazer o

9º Encontro de Arte Moderna, em setembro de 1977 na cidade de Antonina e em 1979 o primeiro Festival de Inverno de Antonina, que foi promovido pela Secretaria de Cultura do Paraná, sementes do Festival que hoje comemora 25 anos.

Assim, foi se moldando o espírito do Festival, que

apenas toma corpo quando da criação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, em abril de 1990, sob a gestão do magnífico reitor Carlos Alberto Faraco, que designa como pró-reitora a professora Márcia Kersten e como primeiras coordenadoras de extensão e cultura as professoras Eliana Heemann e Márcia Fontoura, respectivamente. Tal Pró-Reitoria responde a uma crescente valorização que a extensão vem passando no cenário nacional, principalmente desde a criação do I Encontro de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987 na UnB, e do seu conseqüente fórum, o FORPROEX, resultado do esforço do movimento docente e que teve como representante inicial da nossa Universidade

o professor Mário Portugal Pederneiras, posteriormente, vice-reitor da gestão Faraco.

Desse modo o Festival de Inverno vem para atender a essa nova demanda por extensão, além de buscar dar mais acesso à cultura e às artes, promovendo a própria cultura universitária no momento de crise

cultural, artística, econômica e política que se vivia. A dissolução do

Ministério da Cultura pelo Collor, os consequentes fechamentos da Embrafilmes e da Funarte, a greve nacional das Universidade Federais em 1991, e toda a turbulência financeira causada pela inflação foram

duros obstáculos, superados com muita dedicação e certeza de que se fazer um Festival como este era necessário. A saída no momento de crise tinha que ser essa, principalmente, porque paralelamente a isso estava se construindo um novo conceito de Universidade, a partir dela, desde a redemocratização, onde a valorização da extensão frente

à pesquisa e ao ensino é uma consequência. Ou seja, o Festival é um

grande feito cultural, artístico e pedagógico mas, sobretudo, foi um considerável ato político.

Mas por que Antonina? Além da relação construída entre Antonina e Curitiba nas últimas décadas, e das suas belezas naturais que saltam os olhos, buscava-se um evento fora da capital que atendesse esse caráter extensionista, num cenário cultural e artisticamente rico, que tivesse disponibilidade estrutural para acolher um festival e, acima de tudo, que quisesse o Festival. Os primeiros anos foram de aprendizado, de se construir os caminhos das pedras, dos erros foram feitas lições e o Festival pôde crescer e se firmar. Desde o primeiro momento foi dada a devida atenção à participação da comunidade local; o intuito era que a essência do Festival ficasse ali o ano todo, que aquela semana fosse um momento de comunhão, mas que o caráter extensionista fizesse o espírito do evento ser permanente. E, assim sendo, foi posto

em prática, desde a “Oficina da Banana” (destinada ao uso da banana, um dos principais produtos de Antonina, como expressão artística,

possibilitando a ampliação dos usos da fruta como mercadoria) até

o minicurso de cerâmica para a comunidade da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), este já na segunda edição, que

posteriormente foi transformado em projeto de extensão, passando por diversas outras oficinas e minicursos – como os que tinham por tema a produção carnavalesca. Os antoninenses perguntavam, edição após edição, se o próximo Festival seria também em Antonina, mas ali sempre esteve, ano após ano.

As crianças de Antonina, que talvez sejam o maior fruto do Festival

que já ajudou a criar culturalmente três gerações de pequenos

antoninenses, são um ótimo exemplo de como o projeto de se construir um espaço único onde se relacionavam diversas linguagens artísticas e culturais pôde crescer e se consolidar no Festival que é hoje: o entusiasmo nos olhos daqueles pequenos no primeiro ano, ajudar a ampliar e a construir seus repertórios culturais e os frutos disso mais de duas décadas depois não tem valor. A ideia de montar um circo e de antecipar as férias de inverno em toda a região do litoral – conseguida graças ao apoio do diretor do Núcleo Regional de Educação da SEED, Edson Coelho – foi posta em prática não à toa; sabia-se da especificidade desse projeto infantil, tanto que ganhou o nome de Projeto Especial.

O Festival cresceria e atingiria um público nacional. Foram prestigiar o evento nas edições seguintes, seja ministrando oficinas e minicurso, seja se apresentando, figuras de renome como Antunes Filho, Hans-Joachim Koellreuter, Helena Katz, Odilon Costa, Luís Melo, Pepeu

Gomes, Alceu Valença, Oswaldo Montenegro, e muitos outros que irremediavelmente se admiraram com a atmosfera criada na cidade tomada pela cultura, que até hoje envolve e encanta quem vive essas semanas singulares. Mas é sempre bom lembrar que ele começou, ainda pequeno e meio acanhado, num baixo tablado de madeira, onde voltava uma semana depois da abertura a mesma Filarmônica Antoninense, naquela noite de 7 de julho, para se despedir e dizer **ATÉ BREVE.** ■



PROFESSOR CARLOS ALBERTO FARACO

PROFESSORA MÁRCIA SCHOLZ DE ANDRADE KERSTEN

PROFESSORA MÁRCIA SIMÕES DA FONTOURA

# Festival de Inverno da UFPR em Antonina

Era Collor. Contenção de gastos.  
 Vendam os ônibus e os carros das Universidades Federais!  
 Afinal, por que precisam de meios de locomoção além das  
 próprias pernas?  
 Aulas de campo, Projetos de Pesquisa e Extensão, atividades  
 artístico-culturais? O que é isso?  
 Caça aos Marajás! Gastos supérfluos...  
 Greves de professores, funcionários e estudantes  
 universitários!  
 Reitor recém-eleito, montagem de nova equipe de trabalho.  
 Estruturação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura –  
 PROEC. Indicação de diretores.  
 Falta de espaço físico, início da rede de informática.  
 O que é isso, companheiro? Deixemos a máquina  
 datilográfica, usemos o Word...  
 Redistribuição de funcionários, capacitação. Concursos?  
 Contratações? Nem pensar!  
 E dinheiro? Onde encontrar?  
 Qual o caminho das pedras?

No ano em que se extinguiu o Ministério da Cultura e diversas entidades  
 culturais, a UFPR estruturou a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e  
 organizou o primeiro Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná  
 em Antonina, justamente para atender áreas até então desprestigiadas.

Um sonho, talvez. Mas um sonho alicerçado por um Plano de Gestão. Um  
 projeto acalentado no mesmo momento da construção de nossa PROEC. Um  
 feliz encontro de pessoas que acreditavam ser o impossível viável. Mais que  
 um evento, um projeto de extensão e de cultura. Um ato provocativo.

Por que Antonina? Além das belezas naturais que cercam o município, a  
 cidade oferece espaços ideais e boa infraestrutura para o desenvolvimento das  
 atividades propostas pelo Festival. Mais que um cenário, a tradição cultural

de sua gente a elegeu parceira ideal. Um dos primeiros locais a serem povoados pelos portugueses, em 1648, a antiga Freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Graciosa deve à economia ervateira seus dias de glória e seu patrimônio edificado, muitos em ruína.

Mas, sobretudo, linhas, cores, volumes, sinais, sons, sotaques, cheiros, movimentos, mar, montanhas, gentes... multiplicidade de olhares formam Antonina.

Espaço físico – a baía, o mar, o verde, a montanha, os sambaquis. Casinhas, casarões e ruínas no “centro”, belas chácaras e favelas na periferia. Pracinhas, o cais de pedra. A Fonte da Carioca. A arquitetura tradicional e de estilo ao lado de outras nem tanto. O porto, as ruínas, o ‘Matarazo’. O mangue, o cheiro de peixe, a brisa, o barco, o caranguejo... Espaço de ‘gente’ – pobres, ricos, velhos e jovens, religiosos e ateus, pescadores, turistas, moradores, a ceramista, o feirante, o barqueiro, o saudosista de um passado de glórias testemunhado pelo Teatro Municipal... E ainda povoam o imaginário da cidade figuras históricas, tais como Gabriel de Lara e Ermelino Agostinho de Leão.

Por tudo isso, a Universidade Federal do Paraná, também pioneira no ensino universitário no Estado e no País, escolheu Antonina para lançar âncora de um trabalho de extensão que pretendia desenvolver durante todo o ano.

O primeiro Festival de Inverno aconteceu entre os dias 30 de junho e 07 de julho de 1991 em meio a uma greve.

Dificuldades? Muitas, mas o diálogo permaneceu. Lideranças políticas do movimento grevista e a Comissão de Ética da greve compreenderam que o Festival era, também, um espaço para expor suas reivindicações.

Faltavam recursos e pessoal. Não haveria panorama mais desolador para empreitar um projeto que pretendia romper com os muros da academia. Ir a campo, dialogar com a comunidade de Antonina, de todo o litoral, do Paraná, do Brasil, de outros países, com estudantes e professores fora das salas de aula, com artistas e cientistas de renome nacional e internacional. Desses, sabe? Que só se conhecem pelos livros, revistas ou vernissages...

Pequeno, se comparado aos que lhe seguiram, o primeiro Festival envolveu 88 professores e estudantes que trabalharam nas áreas de artes plásticas, artes cênicas, música e projetos especiais. Foram ofertadas 1.430 vagas a crianças, adolescentes e adultos em 34 Oficinas e Minicursos.

Mas, o espírito dos Festivais de Inverno toma corpo bem antes de chegar a Antonina. Final de julho, agosto, planilhas já são montadas, contatos estabelecidos, cronogramas e organogramas delineados. Ao lado de quase todas as instâncias da UFPR e da Prefeitura da cidade, envolviam-se a Secretaria de Estado da Cultura, por meio da participação direta do Museu Alfredo Andersen e do Centro Juvenil de Artes Plásticas, a Secretaria de Estado da Saúde e a Secretaria de Estado do Esporte e Turismo. Além, é claro, da comunidade local organizada em Clubes, Associações, empresas e instituições públicas e privadas.

O que pretendíamos? Ousar, estabelecer diferenças no trato administrativo e acadêmico, ir além do “isto é assim mesmo”. Que nossa infraestrutura financeira e administrativa trabalhasse em conjunto num grande projeto e o tornasse possível, apesar dos entraves burocráticos que vicejam no setor público. Superar rotinas engessadas, apontar para um futuro em que as barreiras entre o ensino, a pesquisa e a extensão fossem tênues, quase invisíveis. O maior programa de extensão universitária nasceu também com o propósito de congregar e aproximar as propostas acadêmicas das ações da burocracia, as “atividades meios” das “atividades fins”.

Todos na PROEC, sem exceção, participavam de uma ou de outra forma do Festival. Coordenado pela professora Márcia Simões da Fontoura e pelo professor Eduardo Nascimento, o Festival tomou de roldão todo o administrativo-financeiro da pró-reitoria e também envolveu os diretores de todas as suas unidades: do Financeiro, coordenado pela Irene Forghieri Rosa, ao Administrativo, por Altamira Figueiredo; mais diretamente a Lucinha Mion, a Dóris Guidolin e o Rafael Pacheco na Cultura, de onde provinham também Nadolny e os Maestros das Orquestras; Ronaldo Carlos, Valdir,

Wilson Voitena e Suzana Mezzadri no Design.

A professora Eliana Heemann, substituída pela professora Rita de Cássia Lopes, na Coordenadoria de Extensão; a professora Maria Regina Furtado, na Direção do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR em Paranaguá; o professor Cícero Silveira, no Centro de Educação Física e Desportos; o professor Roberto Gomes na Editora; César Sarti coordenava toda a equipe do Teatro da Reitoria – costureiras, auxiliares de serviços gerais, iluminador. Todos eles lideraram um grupo de mais de cem pessoas que trabalhavam arduamente para que o Festival acontecesse, coordenando ações em suas diferentes áreas. Sem falar no jurídico, nos transportes, nos engenheiros e nos técnicos da Universidade, que eram assediados por todos nós. Figura mais próxima, o Pró-Reitor de Planejamento, professor José Henrique de Faria, preocupava-se com “onde” e “como” conseguir os recursos necessários, com o firme e decidido incentivo de toda a equipe da reitoria. A Funpar foi também parceira importante na arrecadação e distribuição dos recursos.

Tudo isso para que Antonina vislumbrasse novas oportunidades via turismo e (ou) atividades culturais que promovessem o desenvolvimento do município.

Que alunos e professores antoninenses e os demais cidadãos lograssem, pelo menos por uma semana, estabelecer contatos, trocas de saberes e de fazeres nas áreas de artes plásticas, música, artes cênicas, literatura, multimídia, arte-educação, meio ambiente, patrimônio cultural. Além dos espetáculos artísticos diários, das performances, dos mímicos, dos exercícios e jogos ofertados nas Oficinas de Recreação coordenados pelos funcionários e professores do CED, um novo espírito carnavalesco também tomava conta da cidade, todavia bem distante do calendário de Carnaval: barracas de comidas típicas, movimento nos restaurantes e bares. Hotéis lotados, pensões, casas particulares, escolas... Todos recebendo e albergando os inscritos, professores, trabalhadores, artistas.

Em todos os anos o “Boa Noite, Antonina!”, de Rafael Pacheco, avisava que o espetáculo ia começar no palco principal. As apresentações de teatro, dança e música, tanto popular quanto erudita, foram, antes de tudo, um convite à população da cidade a participar do Festival.

Para divulgar as atividades e atrair o público, um carro de som percorria os bairros e toda periferia, informando a programação diária e convidando a população a participar.

Os grupos artísticos da Universidade Federal do Paraná, somados a grupos amadores e profissionais, dialogavam e produziam espetáculos para todas as idades e opções. De manhã e à tarde as atividades das Oficinas, dos Cursos, Minicursos, das Palestras e Mesas Redondas distribuíam-se por toda Antonina, ocupando espaços de escolas, clubes, associações, praças, teatro, as calçadas em torno da baía... A cidade transformava-se. A pacata Antonina era um burburinho só. Bastavam curiosidade e vontade de participar.

Quando o palco principal silenciava cantores, palhaços, bailarinos, músicos, personagens fantásticos e instrumentos inusitados certamente passavam a povoar o sonho de muita gente.

O objetivo era que nossos estudantes, a comunidade antoninense e os participantes do Festival tivessem oportunidades de ouvir, dialogar, interagir e trabalhar com personalidades da arte e da cultura nacional, referências em suas áreas, além da “prata da casa”:

Dudi Maia Rosa; Guto Lacz; Helena Katz; Nuno Ramos; Hans Koellreutter; Sílvio Back; Carlos Fajardo; Antunes Filho; Roberto Gnatalli; Roberto Vieira do Nascimento; Zbigniew Henrique Morozowicz; Luiz Melo; José Resende; Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes; Felipe Taborda; Antonio Augusto Arantes; Sandra Guedes; Cristina Bruno; João Carlos Goldberg; José Guilherme Magnani; Sérgio Bizetti; Cecília de Almeida Salles; João Batista Gonçalves; Paulo Monteiro; Ana Maria Amaral; Gilberto Savério Iervolino; Maria Augusta Rodrigues; Joacy Barbosa de Oliveira; Mara Aparecida de Campos Pereira; Ingrid Dormien Koudella; Cybele Cavalcanti; o mestre de bateria, Odilon Costa; o mestre sala e a porta-bandeira da Imperatriz Leopoldinense, Maria Helena e Chiquinho.

Essa parceria possibilitou promover a qualificação dos professores da rede municipal de ensino em várias linguagens artísticas; em projetos de extensão que se estenderam por todo o ano, tais como “O Fazer Cerâmico no Município de Antonina”, coordenado por Marília Diaz; a formação de um Coral da Cidade; oficinas de aprimoramento para a Filarmônica Antoninense; cursos para os integrantes das Escolas de Samba, para sua estruturação ou o uso de materiais e processos para enriquecer os desfiles carnavalescos.

Então se partia para arrecadar os recursos necessários.  
Que a Universidade não tinha, ou tinha muito pouco.  
Haja criatividade nessa hora! E houve.

As edições do Festival da UFPR em Antonina  
continuam se sucedendo. ■



Desde o início, em 1991, houve uma preocupação constante por parte dos idealizadores do Festival de Inverno quanto à cidade anfitriã do evento. A intenção não era transformar Antonina em cenário histórico ou num simples palco para os acontecimentos culturais, mas sim, envolver e integrar a comunidade, tornando-a protagonista do evento.

Os anos se passaram e muita coisa aconteceu. Foram 24 edições ininterruptas. Oficinas com os mais diversos temas, shows em diferentes áreas artísticas, brincadeiras na praça, palestras, exposições, minicursos, noites frias, alguns dias de sol e outros molhados pela chuva. Milhares de pessoas passaram por Antonina, levaram um pouco da sua experiência e deixaram saudade.

Mas, qual é a impressão dos capelistas sobre o Festival? Um estudo realizado em 2013, com a finalidade de ouvir as opiniões dos moradores da cidade sobre a realização do Festival de Inverno da UFPR, revela algumas percepções importantes sobre o evento. Foram dois encontros, iniciados com a explanação do objetivo das entrevistas, explicando que se tratava de uma dissertação de mestrado<sup>1</sup>, cujo objeto de pesquisa era o Festival de Inverno. Na conversa inicial foram esclarecidas as dúvidas, informados os procedimentos e, acima de tudo, procurou-se criar um clima descontraído para deixar o grupo à vontade para manifestar livremente as suas impressões sobre os assuntos abordados.

Logo se percebe a familiaridade com o evento. Todos conhecem o Festival de Inverno e alguns participam das edições desde criança. Mas, o que realmente chama a atenção na fala das pessoas reunidas é a dificuldade em dissociar o Festival de Inverno da UFPR da cidade de Antonina. O Festival de Inverno é tratado como um patrimônio da cidade e, muitas vezes, é chamado de Festival de Inverno “de Antonina”, fazendo parte da própria identidade da comunidade.

Embora os participantes tenham um sentimento de que em alguns anos o Festival não atraiu o público esperado, reconhecem a importância do evento – e sugerem melhorias –, principalmente como um instrumento de ação de desenvolvimento social e divulgação do turismo em Antonina, pois o Festival

<sup>1</sup>Comunicação e responsabilidade social: um estudo sobre o Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação e Sociedade, Linha de Pesquisa Comunicação, Política e Atores Coletivos, Departamento de Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celsi Brönstrup Silvestrin.



PATRICIA  
GUILHEM  
DE SALLES

# Um olhar capelista sobre o Festival de Inverno da UFPR



também é considerado pelos capelistas um meio de divulgação da cidade e uma oportunidade para atrair turistas e movimentar o comércio local. As oficinas oferecidas pelo Festival de Inverno são muito valorizadas e configuraram-se no ponto central da discussão. Entre as mais citadas estão as direcionadas aos músicos da Filarmônica Antoninense e aos carnavalescos. Os resultados destas oficinas são aplicados na prática e são internalizados pela comunidade sob a forma de aperfeiçoamento técnico na execução das obras pela Filarmônica Antoninense, na confecção das alegorias e nas técnicas de percussão para o desempenho da bateria das escolas de samba de Antonina, que têm muita importância para a cidade.

A oficina de gastronomia, realizada no 23º Festival de Inverno, trouxe a oportunidade única para um dos participantes cozinhar no quinto melhor restaurante do mundo. Também foram lembradas as oficinas para os professores da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, que utilizam o material e os conhecimentos adquiridos durante o ano todo para ministrar as aulas. Foi ressaltada, ainda, a importância das oficinas infantis na formação das crianças e na ampliação das perspectivas, colaborando inclusive para a orientação profissional dos jovens moradores.

Durante a conversa, nota-se que os antoninenses possuem um envolvimento bem ativo com a comunidade, demonstrando interesse em contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da população. Reconhecem os benefícios que o Festival de Inverno da UFPR traz à população e buscam alternativas para envolvê-la ainda mais nas ações propostas pelo evento, sugerindo um trabalho com os professores e alunos para que eles se transformem em mobilizadores junto às suas famílias. Acreditam que é importante estimular a participação dos professores como agentes de formação das crianças.

Percebe-se também que o Festival de Inverno se consolidou como um espaço democrático de exercício de cidadania quando são lembradas as reuniões que a UFPR iniciou no final de 2013 para as quais foram convidadas todas as associações de moradores de Antonina. Esta iniciativa foi valorizada pelos participantes não só por identificar interesses, mas também por buscar ideias junto à população antes da realização do último evento, em julho de 2014. Fica evidente o desejo de contribuir e de participar. Os antoninenses colocam o seu tempo e o seu conhecimento à disposição para sinalizar demandas na área cultural e colaborar na realização do evento.

Em vários momentos das reuniões, o grupo manifestou expressão de reconhecimento do Festival de Inverno da UFPR como uma ação de responsabilidade social, reforçando que o evento permite o fortalecimento

de uma identidade, contribuindo para a valorização da cultura local e da autoestima dos cidadãos, considerando que Antonina possui longa tradição nas práticas e manifestações da cultura popular.

Para os capelistas, o Festival de Inverno é uma grande oportunidade, um potencial que pode ser explorado ainda mais para contribuir com mudanças significativas na comunidade. Tanto que se nota certo temor quando o assunto é a possibilidade de extinção do evento, pois eles não só identificam os benefícios do Festival de Inverno, como manifestam o desejo de estendê-los às comunidades mais carentes, em especial, para a área rural.

Os participantes observam que com maior envolvimento do poder público local seria possível dar continuidade e estimular durante o ano todo as ações realizadas no período do Festival de Inverno, gerando maior desenvolvimento e efetividade na mudança da realidade da comunidade, visto que a UFPR é reconhecida como uma parceira, referência inclusive para intermediar interesses da comunidade junto a outras instituições. Acreditam que falta mais divulgação do evento, tais como ações de divulgação para a própria comunidade entender a importância das atividades do Festival de Inverno. Propõem, como forma de incentivo à participação dos empresários locais, identificar e divulgar os parceiros locais do evento, dando crédito aos apoiadores.

Uma parceria com a Secretaria de Educação também foi sugerida com o objetivo de engajar os professores para transmitir às crianças e aos jovens, durante o ano letivo, os conhecimentos e as experiências adquiridas no Festival de Inverno. E, ainda, fazer divulgação do Festival de Inverno nas escolas com o objetivo de incentivar cada vez mais a participação das crianças no evento.

Diante de tudo que foi exposto fica claro que a Universidade tem um importante papel a desempenhar no tecido social e que, cada vez mais, deve atuar de forma colaborativa com a comunidade de Antonina, num esforço coletivo para que se prevaleça o princípio ético do Festival de Inverno da UFPR, ou seja, estimular e garantir a socialização, o encontro multicultural, geracional e de gênero, na medida em que esses processos de compartilhamento de espaços, temas e práticas permitam a democratização da cultura e da educação, a inclusão social e a valorização dos direitos humanos. ■



# errâncias

# verba

errâncias verbais

main  
100  
100  
100

Desde os primeiros festivais de inverno de Antonina, a Orquestra Filarmônica da UFPR tem participado como um dos grupos artísticos da PROEC. Nos últimos anos, especialmente depois que o Maestro Márcio Steuernagel assumiu a sua direção musical, a OFUFPR vem investindo num repertório diferenciado que abrange obras desde o século XVIII até a contemporaneidade. A partir desse novo enfoque, foram apresentados em Antonina importantes espetáculos como a ópera “L’Occasione fa il Ladro” (A ocasião faz o ladrão), de Gioachino Rossini, em 2013 – a primeira vez em tempos recentes que o público de Antonina viu de perto uma ópera encenada. No 24º Festival, em 2014, foi apresentada uma versão reduzida do “Concerto Memorial da 1ª Guerra Mundial”, que a OFUFPR apresentara no Teatro da Reitoria semanas antes. Este concerto temático memorial foi o único concebido no Brasil por ocasião do centenário do início das hostilidades da 1ª Guerra Mundial.

# A Orquestra Filarmônica da UFPR, o Festival de Inverno de Antonina, a Filarmônica Antoninense – perspectivas

HARRY CROWL  
COMPOSITOR E MUSICÓLOGO  
DIRETOR ARTÍSTICO – ORQUESTRA  
FILARMÔNICA DA UFPR

Nos primeiros festivais, as relações entre a OFUFPR e a banda de música local, a Filarmônica Antoninense, eram ainda distantes, com cada um desempenhando o seu papel individualmente. Porém, aos poucos, as trocas de experiências começaram a acontecer, assim como o apoio logístico da banda para a realização dos concertos da orquestra viria a se tornar de fundamental importância. Além disso, vários instrumentistas de sopro têm atuado alternadamente nos dois grupos. Com trajetórias semelhantes, a OFUFPR e a Filarmônica Antoninense vêm realizando um trabalho de ampliação do público e de preparação de jovens músicos para uma carreira profissional, ou mesmo complementando suas formações para a vida de modo geral. Mesmo havendo músicos atuantes em ambos os conjuntos, ainda não houve uma integração, ou mesmo uma troca de experiências entre as duas entidades. Atuante desde 1975, quando foi fundada por Roberto Cristiano Plasmann e Severino de Oliveira e Silva, a banda de música Filarmônica Antoninense vem se fixando como o mais importante agrupamento musical civil do gênero

no estado do Paraná. A história das bandas de música e orquestras sinfônicas, no Brasil, tem a mesma origem nos primeiros anos da organização da vida musical do Brasil Colônia. No século XVIII foram formadas orquestras sacras para acompanhar o canto nas igrejas católicas nas regiões de colonização mais antigas, como o Nordeste, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essas orquestras seguiam modelos, trazidos pelos portugueses, que eram diretamente influenciados pelo barroco e classicismo italiano e da Europa Central. Os primeiros agrupamentos de instrumentos de sopro e percussão, no Brasil, dos quais se têm notícias são as “Reais Cavalariças”, ou “Charamelas Reais”, que consistiam basicamente de trombetas, charamelas (instrumentos de palhetas duplas semelhantes aos oboés modernos) e tímpanos, ou timbales, frequentemente posicionados nas laterais dos cavalos. A primeira “orquestra de harmonia”, que era o nome dado às formações de sopros e percussão na época, na Europa central, chegaram ao Brasil juntamente com a comitiva de Dona Leopoldina, futura Imperatriz do

Brasil, em 1821, e era formada basicamente por músicos austríacos e alemães que chegaram na comitiva da princesa, quando esta desembarcou no Rio de Janeiro. Progressivamente, foram substituindo as antigas “Charmelas Reais” devido à sua grande pluralidade sonora e grande variedade de repertório comparada com aquelas. Com a decadência econômica das regiões das minas gerais devido ao escasseamento do ouro, e ao progressivo deslocamento

das populações e músicos profissionais para os grandes centros urbanos que se organizavam cada vez mais intensamente ao longo do litoral, no século XIX, as bandas de música substituíram progressivamente as orquestras nas funções eclesiásticas, sem com isso abandonar suas práticas civis e militares. As orquestras sinfônicas autônomas, por sua vez, só começaram a aparecer no Brasil no final do século XIX. Antes disso, havia somente orquestras de igrejas remanescentes da tradição colonial e, posteriormente, as orquestras dos teatros de ópera. As orquestras de concertos sinfônicos começaram a ser organizadas segundo os modelos alemães no início do século XX, no Rio de Janeiro, então capital da república. No início, as bandas marciais no

Brasil, tanto civis quanto militares, funcionaram como “primos pobres” distantes da realidade das orquestras sinfônicas. Porém, na segunda metade do século XIX, começaram a surgir, principalmente nos EUA e Inglaterra, as bandas sinfônicas, que consistiam da expansão da seção de sopros das orquestras sinfônicas e, mais tarde, do acréscimo de toda a família de saxofones. Esse modelo anglo-saxônico chegou ao Brasil ao longo do século XX. No final dos anos 80, foi criada em São Paulo a Banda Sinfônica do Estado que é hoje um dos principais conjuntos musicais estáveis mantidos pelo poder público daquele estado. Nesta época, recebi a encomenda da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, formalizada pelo maestro fundador da banda, Roberto Farias, da “Sinfonia 1990”, para banda sinfônica, posteriormente

denominada “Sinfonia no.1 – Concerto Harmônico”, que foi estreada em 1992 no Memorial da América Latina, em São Paulo. No ano passado, quando de minha visita a Antonina, a convite do maestro Renan Gonçalves, depois de lá ter estado com a Orquestra Filarmônica da UFPR, ainda durante o 24º Festival de Inverno, reencontrei o Maestro Roberto Farias realizando um notável trabalho com a Filarmônica Antoninense voltado para um repertório mais atual criado exclusivamente para bandas sinfônicas.

Como resultado desse encontro, e mais uma vez entusiasmado pela possibilidade de escrever para um conjunto de sopros e percussão, recebi o convite do Maestro Renan Gonçalves para compor uma obra em comemoração aos 40 anos da Filarmônica Antoninense a se realizar neste ano de 2015. Será uma obra inspirada pela região costeira da cidade de Antonina, com o título de “Manguezais”, baseada em estudos sobre as características da vegetação costeira da região. O uso de referências externas para a criação musical tem sido frequente no meu trabalho como compositor. Nos últimos anos já produzi miniaturas e obras várias a partir de imagens de plantas e flores da região costeira do sul do Brasil, como nos ciclos

“Flora Atlântica I, II e III”. Procuro me guiar pelas experiências sensoriais, deixando-me levar pela imaginação



ao associar o movimento sutil da brisa e do vento do mar percorrendo os galhos e folhas produzindo diferentes alturas de sons, timbres e ritmos, até a literatura científica sobre o assunto. Nesse caso específico, procurei me informar através de um texto didático a que tive acesso e que vem sendo utilizado nas escolas de Antonina e litoral, a partir do qual encontramos a definição de mangue, ou manguezal:

“No Brasil predominam três espécies de mangues: mangue vermelho, mangue preto e o mangue branco, sendo a espécie vermelha, também conhecida por “mangue-bravo” a mais recorrente no litoral paranaense. Podemos encontrar também o algodoeiro-da-praia, samambaia, gramíneas, assim como outras espécies. A fauna dos manguezais oscila com a maré, sendo ocupada por espécies terrestres oportunistas na maré baixa e por espécies marinhas e/ou estuarinas que adentram na maré alta, além das espécies residentes que permanecem em suas áreas durante toda a vida ou, pelo menos, parte dela. Destacam-se as várias

espécies de caranguejos, formando enormes populações nos fundos lodosos. Nos troncos submersos, vários animais filtradores, como as ostras, alimentam-se de partículas suspensas na água. Uma grande variedade de peixes penetra nos manguezais na maré alta. Muitos dos peixes que constituem o estoque pesqueiro das águas costeiras, como robalos, bagres, tainhas, entre outros dependem das fontes alimentares do manguezal, pelo menos na fase jovem. Já as aves marinhas encontram neste ambiente um local de reprodução, alimentação e descanso, elas enriquecem o manguezal por meio de seus dejetos que servem como adubo tornando o ecossistema ainda mais produtivo”<sup>1</sup>.

De posse de todas essas imagens sugeridas pelas descrições no texto, passo à elaboração da obra musical. ■

<sup>1</sup> Vários autores – “Rebimar: levando a região costeira paranaense para a sala de aula. 1ª edição. Pontal do Paraná, Associação MarBrasil, 2011.

# É possível ousar para promover uma educação complexa

ALINE  
GONÇALVES

A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO POR MEIO DE INTERAÇÕES ENFATIZA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Os estudantes que cursam a graduação no Setor Litoral da UFPR, em Matinhos, uma vez na semana, ao chegarem à Universidade não encontram os mesmos colegas de curso. Eles se reúnem com outros alunos, de diferentes graduações e períodos, e também com pessoas da comunidade local. Isso porque, às quartas-feiras, são realizadas as Interações Culturais e Humanísticas (ICHs), atividades que compõem um dos eixos do currículo obrigatório de todos os cursos de graduação ofertados no Setor Litoral.

O principal objetivo dessas atividades é promover a interação vertical – entre turmas em diferentes fases dos cursos – e

horizontal – com estudantes de cursos diferentes no mesmo espaço –, dando ênfase às construções coletivas, percepções, trocas de experiências e reflexões. Cada grupo pode ter de 20 a 55 participantes e, ao menos, um professor como mediador, sendo ele responsável pela gestão acadêmica dos encontros. Os temas propostos por qualquer membro da comunidade acadêmica são bastante diversificados: paisagismo agroecológico, introdução ao desenho artístico, tecnôich, tênis de praia, capoeira, libras, redação de trabalhos científicos, comunicação ‘sem vergonha’, entre diversos outros. Os espaços em que as ICHs acontecem também são diversos: nas salas de aulas, nas tendas, nas

salas de reuniões, na praia, nas escolas, ao longo de um rio, até mesmo no mar.

Nos encontros

das ICHs é possível abordar os temas de forma mais experiencial e complexa, fazendo conexões de conhecimentos, relacionamentos, experiências e emoções.

Assim, essas Interações atendem às necessidades de aprendizagem diante de um mundo complexo, tomado o conceito como abordado por Edgar Morin, “não só a parte está no todo, mas também o todo está na parte”.

A pergunta onipresente quando essas atividades fazem parte do currículo acadêmico de cursos de graduação é: como essas interações podem contribuir de forma efetiva para a formação humanística e profissional? Se, por um lado, o acesso aos conteúdos não é garantia de que o aprendizado aconteça, por outro, não é toda e qualquer experiência que gera conhecimento. Marcos Masseto conceitua a aprendizagem como um processo de crescimento e desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade, abrangendo minimamente quatro áreas: conhecimento, afetivo-emocional, habilidades e atitudes. A busca essencial deve ser pelo significado do aprendizado ou da vivência, ou seja, que os conteúdos estudados tenham significado

para o estudante. Como exemplifica Jorge Larrosa Bondia, essa é uma condição para a construção do conhecimento. Para ele, tal experiência deve ser algo “que nos passa”, “que nos toca”, “que nos move” e não algo “que se passa” ou “que se move”.

Nas ICHs, abordam-se aspectos subjetivos da aprendizagem, aqueles supostamente deixados de lado pelo ensino tradicional-tecnicista. Nesse espaço curricular possibilita-se que estudantes de diferentes cursos participem juntos de oficinas, debates, vivências e saídas de campo; práticas que permitem a sensibilização, a interação e a interprofissionalidade. Maturana e Varela, criadores da Teoria da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, propõem o pensamento sistêmico e o construtivismo radical, enfatizam a necessidade de processos de conhecimento construídos a partir das interações, visando o resgate das emoções, num processo de (re)valorização das mesmas. Assim, se a fragmentação

existente em currículos tradicionais não estimula o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, atividades como as ICHs podem ser um caminho para o aprendizado significativo.

## UM DIA DE ICH

Em cima da mesa diversos alimentos *in natura* que serão preparados no decorrer do encontro. Aos poucos, os estudantes começam a chegar ao Laboratório de Alimentação (Leal). Lá acontece o ICH 'Alimentação – Um laboratório para a Saúde'; a mediação da atividade é feita pela professora Ione Aschidamini e pela trofologista Maria de Lourdes Neves, que atua voluntariamente na atividade – a trofologia é o estudo sobre a manutenção da saúde por meio de uma dieta equilibrada. Antes de qualquer fala, algumas pessoas que chegam tomam postos ao redor do balcão e da pia, devidamente equipadas com toucas e aventais, começam a higienizar, descascar e cortar os alimentos que farão parte do processo de aprendizagem daquele dia. O caldo resultado do cozimento daqueles alimentos tem a função de estimular o sistema imunológico. Tópico que foi tema da fala de Maria de Lourdes naquele dia.



“Não colocamos qualquer combustível nos nossos carros, porque comemos qualquer coisa? O nosso organismo, nosso sistema imunológico, também cansa se ele for atacado a toda hora”, esclarece a trofologista. Ela explicou o papel das imunoglobulinas, também conhecidas como anticorpos, na defesa do organismo humano e a importância de uma alimentação equilibrada para que esse sistema funcione bem. No caldo foram colocados os seguintes vegetais: couve-flor, inhame, abóbora, tomate, berinjela, batata-doce, batata-salsa (mandioquinha), cenoura, beterraba (com as folhas), brócolis, alho, limão, além de outros temperos. Enquanto o aroma do caldo cozinhando no fogão tomava conta da sala, os participantes discutiam hábitos que podem ajudar ou prejudicar as defesas do organismo. Para encerrar a atividade, os participantes experimentaram e aprovaram o prato feito a muitas mãos.

**INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS (ICH) QUE SÃO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM COLETIVA PRESENTES EM TODAS AS FASES DO CURSO, CUJO PRINCIPAL OBJETIVO É PROPORCIONAR AOS ESTUDANTES UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA CONECTADA COM A VISÃO HUMANISTA. ■**

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SIGNORELLI, Marcos Claudio et al . Um projeto político-pedagógico de graduação em fisioterapia pautado em três eixos curriculares. *Fisioter. mov.* (Impr.), Curitiba , v. 23, n. 2, Jun 2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-51502010000200016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-51502010000200016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 31 Mar. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-51502010000200016>.

A relação entre os patrimônios culturais e os festivais de cultura apresenta-se de diferentes maneiras. Desde até seu caráter gregário, com a tendência para promover conexões entre pessoas, entre multiplicidades de culturas e contextos, percebido por meio da ocupação de espaços públicos para a produção e fruição de atividades culturais diversificadas. Mas, sobretudo, essa relação pode ser apreendida no seu caráter de mediação, pois nasce do embaralhamento de sujeitos e contextos, novos significados, agenciamentos comunitários, conflitos, recusas, processos de identificações e partilha de experiências.

A primeira participação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

# Festival de Inverno – Patrimônio Vivo de Antonina

JOSÉ LA PASTINA FILHO\*

LIA MITY ONO\*\*

LETÍCIA NARDI\*\*\*

(Iphan) no Festival de Inverno de Antonina deu-se por meio do convite da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) que já havia formalizado uma parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) para a realização de oficinas que abordassem a temática do patrimônio cultural. Essa articulação viabilizou a continuidade das atividades por nove edições consecutivas, desdobrando-se em projetos que aludiam a temas como tradição e modernidade, cultura e desenvolvimento, patrimônio

cultural e preservação ambiental.

A cooperação entre as instituições contribuiu para dois aspectos: um relacionado à metodologia, que sustentava a importância de uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar da temática do patrimônio.

Outro, de viés estratégico, pois, para expandirem a sua atuação era premente um trabalho integrado.

Após um período de interrupção, em 2013 o Iphan retomou a parceria com a UFPR na 23ª edição do evento, com uma configuração ampliada de seu corpo técnico, em um período de novos tombamentos e registros em nível federal.

Antonina está inserida nesse processo desde 2012, com o tombamento de seu centro histórico. Por essas razões, o reinvestimento em ações de interlocução com a população tornava-se imprescindível.

## CHEGA-SE POR TERRA, CHEGA-SE POR MAR

Em 1993, no 3º Festival, foram iniciadas as discussões sobre a temática do patrimônio cultural no modelo de minicurso.

Organizado em seminário, com palestras de estudiosos e gestores em torno do tema “Patrimônio – Tradição e Modernidade”, os assuntos permearam o campo da Antropologia, da Museologia e da Arquitetura<sup>1</sup>. A intenção foi estabelecer uma abordagem sistêmica e interdisciplinar que buscasse contribuições em diversas áreas de conhecimento para a compreensão de referências culturais em contextos sociais e culturais distintos. A reflexão buscou, portanto, problematizar de vários ângulos o quanto a preservação do patrimônio cultural poderia ser vinculada ao desenvolvimento local.

<sup>1</sup> A palestra inaugural foi proferida pelo Professor Antônio Augusto Arantes, do Departamento de Antropologia da Unicamp com o título Aspectos da tradição e da modernidade relacionados com o conceito de patrimônio. Nos demais dias foram realizadas quatro mesas que abordaram as temáticas: Museus, com as professoras Sandra Guedes (SC), Cristina Bruno (SP) e Maria Regina Furtado (PR); Patrimônio arquitetônico, com Jussara Valentini (Curadora do Patrimônio Histórico da SEEC-PR); Patrimônio e Antropologia, com José Guilherme Cantor Magnani (SP); e Projeto de desenvolvimento e patrimônio cultural, com Cecília Maria Vieira Helm. O minicurso contou com 39 participantes.

Nas edições de 1994 e 1995 a equipe formada por técnicos da SEEC e do Iphan<sup>2</sup> propôs uma abordagem mais dinâmica e integrada à realidade de Antonina. O

formato de palestras e mesas redondas deu lugar à realização de oficinas que culminaram em um conjunto de propostas que sugeriam ações para conservação, restauração e novos usos de edificações em estado de arruinamento. Na edição de 1994 foram utilizadas uma edificação no sopé do Morro da Capela e outra na praça conhecida como Feiramar<sup>3</sup>; em 1995, a ação voltou-se às ruínas do Antigo Armazém Macedo.

Desenhos, textos e maquetes materializaram as intervenções propostas. No Armazém Macedo, a insistência da chuva levou os participantes a construir uma instalação que incorporava também as intervenções artísticas de Alice Ruiz (poesia), Arrigo Barnabé (música), Chico Faria e Dulce Osinski (desenhos e pinturas). O trabalho final expressava em diferentes linguagens as impressões e sentimentos dos visitantes ao percorrerem a ruína.

De maneira mais específica, o enfoque sobre as técnicas construtivas tradicionais da arquitetura brasileira, tão presentes em Antonina, foram o tema nas duas edições subsequentes<sup>4</sup>. Com base em reflexões teóricas e visitas in loco, o grande desafio das oficinas, que eram voltadas a estudantes e profissionais de arquitetura e engenharia civil, foi a reprodução de técnicas como o pau-a-pique e o

<sup>2</sup> Os ministrantes das oficinas foram os arquitetos Rosina Coeli Alice Parchen, Jussara Valentini e José La Pastina Filho; e o engenheiro civil Celso Fernando Azambuja Gomes Carneiro, cujo trabalho tinha enfoque na área ambiental. Foram ministradas aulas sobre a interação entre o patrimônio cultural e ambiental, por Celso Carneiro; e sobre a evolução urbana de Antonina, por José La Pastina Filho. Jussara Valentini e Rosina Parchen explanaram sobre o patrimônio cultural protegido pela legislação estadual. Em 1994, a oficina de 24 horas contou com 9 participantes. Na edição de 1995, a carga horária foi de 36 horas, contando com 21 participantes.

<sup>5</sup> Há registros audiovisuais da oficina de 1994 no acervo do Superintendente do Iphan para o Paraná.

<sup>6</sup> Guarapirocaba era uma antiga denominação da Baía de Antonina. Do tupi, Guará – ciconiforme da família tresquiornitídeos (guará rubra) muito comum no litoral sul; Piró – pisapegada; e Caba – lodo. O lugar. Guarapirocaba é o lugar das pegadas de guará.

<sup>3</sup> A Feiramar foi um evento ocorrido em Antonina, no final da década de 1990, sendo construída uma estrutura coberta na orla da Baía de Antonina. O evento teve a intenção de valorizar a cultura litorânea, sendo realizadas competições que envolviam os fazeres locais, como a canoa e a prensa de mandioca. Na culinária, o grande atrativo foi o barreado, prato que se tornou um dos símbolos do estado do Paraná. Apesar de ser único, o evento foi marcante, considerando que até hoje o local, denominada oficialmente Praça Romildo Gonçalves Pereira, é mais conhecido como Praça Feiramar.

<sup>4</sup> Nessas edições, a equipe que organizou e ministrou as oficinas era a mesma das edições de 1994 e 1995. A edição de 1996 teve 25 inscritos e 42 horas de duração. Em 1997 a carga horária foi de 32 horas, contando com 18 inscritos.

telhado com beiral em beira seveira<sup>5</sup>. A oficina estabeleceu um ambiente de aprendizado único, no qual os alunos puderam “colocar a mão na massa” e explorar uma vertente do patrimônio que conjuga o ‘saber fazer’ de artífices com uma formação técnica especializada.

Buscando novamente a transversalidade do tema, nas oficinas de 1998, 1999 e 2000, sob o título “Guarapiróca<sup>6</sup>: o homem e o meio ambiente”, os participantes investigaram os ambientes natural e urbano, em percursos que incluíam passeios de barco pela Baía e caminhadas pela área central da cidade. A pesquisa de campo enfocou particularidades da ocupação do território, que apresenta desde vestígios arqueológicos pré-históricos, como os sambaquis “Ilha do Corisco” e “Ponta do Rolim”, às ruínas históricas do “Engenho Conceição”. Ao final, foram produzidos cartazes que sintetizavam a

experiência por meio de textos, desenhos e fotografias<sup>7</sup>. É interessante refletir o quanto essa visão que integra o homem e o ambiente tem sido cada vez mais incorporada às políticas de preservação do patrimônio cultural. O Iphan define Paisagem Cultural como uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores<sup>8</sup>. e, em 2009, criou um instrumento para protegê-las. Em Antonina, a interação entre o ambiente urbano e o natural foi decisiva para o tombamento do centro histórico e tem sido amplamente considerada no processo de preservação. A questão da interação do homem com o meio ambiente, tão cara à cultura caiçara, esteve novamente na centralidade do debate como tônica da oficina realizada em 2001, em parceria com o Departamento de Antropologia da UFPR<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Há documentação referente às oficinas no acervo da Superintendência do Iphan no Paraná.

<sup>8</sup> Portaria Iphan nº 127, de 30 de abril de 2009. Regulamenta o conceito de Paisagem Cultural.

<sup>9</sup> A oficina foi ministrada por Márcia Scholz de Andrade Kersten, Carmen Lúcia da Silva, Patrícia Laure Gaulier, da UFPR, e José La Pastina Filho, do Iphan. Nessa edição participaram 14 pessoas.

Igualmente, foram propostas aos participantes duas “viagens” no universo de Antonina: uma pelo mar, outra por terra. A viagem pelo mar proporcionou aos participantes um ponto de vista de chegada comum aos viajantes do século XIX<sup>10</sup>, embora o olhar contemporâneo sobre a paisagem produzisse novas leituras daquilo que foi, do que ainda permanece, das atualizações e do devir. A viagem por terra teve a finalidade de observar de perto não só as ruas, as edificações, as ruínas que caracterizam o patrimônio dito de ‘pedra e cal’, mas também os acontecimentos do cotidiano, captando aspectos urbanos impregnados na dinâmica de relações do lugar. As duas ‘viagens’ provocaram inquietações que os participantes traduziram em textos, como o apresentado a seguir:

<sup>10</sup> O engenheiro inglês Thomas Bigg-Whiter, quando do seu desembarque em Antonina, em 1877, descreveu a vista da Igreja Matriz: no alto de uma pequena colina assentava a igreja velando o pequeno rebanho a seus pés. Considerou a cidade como um lugarejo bonito e até pitoresco, situado como está, entre a terra e a água, ao pé de gigantesca cadeia de montanhas, a Serra do Mar.

Chega-se por terra. Chegava-se por mar. Isso já explica muita coisa. O olhar renuncia à ação do tempo sobre a cidade. O tempo passado evidencia-se no centro, onde estão os principais edifícios religiosos, ou em construções que hoje abrigam restaurantes, hotéis, lojas... Esses edifícios possuem uma aura, muitas vezes obscura, de ‘patrimônio’. O presente mostra-se em direção à periferia ou mesmo no centro pelas ruínas. Mas, será que esta ação do tempo nesta escala de valores fica compreensível para as pessoas do lugar? Ou então, será que a ação do tempo na escala de valores das pessoas que moram em Antonina é clara para nós?<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Texto produzido por Camila Muzzillo e Eduardo Ambrósio durante a oficina Patrimônio cultural: viagens e olhares sobre Antonina, no 11º Festival de Inverno de Antonina, em 2001.

São reflexões que apontam questões atuais da gestão patrimonial, que deslocam o domínio do saber técnico especializado e do discurso competente, em favor do protagonismo social nas políticas de preservação. Para tanto é preciso estar disposto a olhar, a ouvir, a ensinar e a aprender. Afinal, a preservação do patrimônio cultural de nada adianta se não encontra lastro e ressonância na vida das pessoas.

### ESPAÇO DE INTERAÇÃO

O reconhecimento do centro histórico de Antonina como Patrimônio Cultural Brasileiro, ocorrido em 2012, era recente e a população questionava cada vez mais como isso incidiria em suas vidas. Era fundamental, portanto, que o Iphan buscasse canais de diálogo com os moradores, e o Festival propiciava um espaço alternativo de convivência entre a instituição, a população local e os estudantes universitários, para que novas formas de interação, mais criativas e inventivas, mais próximas e menos hierárquicas, pudessem surgir.

A oficina Patrimônio Cultural – Cores de Antonina foi proposta com o objetivo inicial de promover essa interação, sendo inspirada na experiência exemplar da Casa do Patrimônio Vale do Ribeira<sup>12</sup>, que definiu,

<sup>12</sup> As Casas do Patrimônio constituem um projeto pedagógico e de educação patrimonial, que opera por meio da associação entre estados, municípios, organizações da sociedade civil e instituições de preservação do patrimônio. As ações educativas empreendidas visam promover a difusão de informações e a troca de conhecimentos, a valorização das comunidades, bem como estimular a participação comunitária nas discussões e propostas de redefinição do uso social dos bens culturais.

de maneira colaborativa entre moradores e técnicos, uma paleta de cores para ser usada como referência na pintura de imóveis do centro histórico. Tal experiência inseria a comunidade nos processos de tomada de decisões, além de firmar parceria entre os entes públicos, o que estabelecia um paradigma institucional frente à gestão do patrimônio cultural.

Os encontros mobilizaram a equipe técnica<sup>13</sup> da Superintendência do Iphan no Paraná dos setores de Educação Patrimonial, Patrimônio Imaterial, Arqueologia e Arquitetura, que desenvolveram as atividades em forma de rodas de conversas, atividades lúdicas e saídas do grupo a campo. Participaram moradores, estudantes e profissionais de diversas áreas.

Além disso, nesse espaço de interação foi possível compartilhar noções que contribuísem para a definição de parâmetros de intervenção no centro histórico e para uma compreensão abrangente das múltiplas dimensões do patrimônio cultural.

O senso comum vincula o patrimônio cultural apenas a uma ideia de passado, o que popularmente é denominado de

<sup>13</sup> A equipe era formada por: Alessandra Spitz (Geógrafa e Técnica de Arqueologia), Letícia Nardi (Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Consultora da UNESCO), Lia Mity Ono (Técnica de Educação Patrimonial e Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Cultura); Lilian Louise dos Santos Fabre (Arquiteta e Mestranda do Programa de Especialização em Patrimônio Cultural do Iphan), Juliano Martins Doberstein (Historiador, Técnico de Patrimônio Imaterial, Mestre em História e Mestrando em Antropologia Social), Moisés Julierme Stival (Arquiteto e Urbanista, Especialista em Restauro).

‘coisa velha’, ou ‘antiga’, com foco nos bens que se quer preservar para as gerações futuras. A partir desse mote, o grupo problematizou questões que passaram pelos temas da monumentalidade, da propriedade, dos sentidos particular e coletivo, da materialidade e da intangibilidade, da valoração e da transmissão. O exercício do olhar ao percorrer as ruas do centro histórico revelou como as marcas do tempo sobrepunham contextos histórico-sociais distintos que concorriam e criavam tensões na produção de camadas de sentido.

Na edição de 2014, as oficinas centraram-se na área de conservação de acervos fotográficos e documentos em suporte de papel<sup>14</sup>, complementando a ação empreendida pelo Iphan que devolvia à cidade o edifício do Arquivo Histórico restaurado. O

projeto combinou módulos teóricos a processos experimentais que ofereceram, por exemplo, o contato com técnicas fotográficas históricas do século XIX.

Assim, o arco da trajetória de participação do Iphan no Festival inscreve momentos nos quais se toma ora a horizontalidade do tema em visões panorâmicas integradoras do patrimônio cultural à vida social, ora sua especificidade por meio do aprimoramento técnico.

Nas duas fases, o ambiente do Festival afirmou-se como um espaço de mediação entre instituições, públicos, produção artística e visões de mundo, contribuindo para ampliar a compreensão de contextos, interagir e abrir possibilidades de participação. Um processo que precisa ser construído em conjunto e cada vez mais agregar grupos sociais que se relacionam com o ambiente urbano de Antonina, para quem suas histórias, suas memórias e sua produção cultural faz sentido. ■

<sup>14</sup> A oficina “Preservação de Acervos Fotográficos e Processos Históricos do Século XIX – Goma Bicromatada” foi ministrada por Fernando Fortes (Fotógrafo e Técnico de Preservação Fotográfica da Cinemateca Brasileira). E a oficina “Conservação de Documentos em Suporte de Papel” foi ministrada por Vivian Busnardo (Restauradora do Arquivo Público do Paraná)

\*JOSÉ LA PASTINA FILHO É ARQUITETO, ESPECIALISTA EM RESTAURO E CONSERVAÇÃO DE MONUMENTOS E CONJUNTOS HISTÓRICOS. FOI PROFESSOR DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UFPR, DE 1980 A 2014. DESDE 1993 É SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO PARANÁ.

\*\*LIA MITY ONO É BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, COM HABILITAÇÃO EM CINEMA, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. ESPECIALISTA EM GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA (UNB/MINC), É RESPONSÁVEL PELO SETOR DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO IPHAN NO PARANÁ.

\*\*\* LETÍCIA NARDI É ARQUITETA E URBANISTA GRADUADA PELA UFPR (1999), COM ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL INTEGRADO AO PLANEJAMENTO URBANO DA AMÉRICA LATINA (PROGRAMA ITUC/AL – CECI – UFPE) E MESTRADO EM URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE (PGAU-CIDADE, UFSC). EM 2013 E 2014 FOI CONSULTORA DA UNESCO COM ATUAÇÃO NA SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO PARANÁ, ACOMPANHANDO O PAC CIDADES HISTÓRICAS EM ANTONINA.

O Litoral Norte<sup>1</sup> do Rio Grande do Sul é integrado por 19 municípios e tem sua economia preponderantemente associada à atividade turística de veraneio, o que confere à região características de grande variação sazonal da população e intensa urbanização. Por se tratar de uma região de idade geológica recente, de acordo com especialistas, tem seus ecossistemas com características de fragilidade e raridade, mostrando uma sequência de ambientes de especial valor paisagístico e produtividade biológica: praias marinhas, barreiras de dunas, banhados, cordão de lagoas doces e salobras e encosta da serra. Essa paisagem única é apreciada pela maioria dos gaúchos apenas no verão, quando as temperaturas diárias acima de 30°C tornam o dia a dia na cidade mais sufocante, e centenas de turistas buscam a brisa marinha na faixa litorânea que vai do município de Torres (ao norte) até Cidreira (mais ao sul) para se refrescar. Pouco a pouco, essa realidade vem se transformando.

As praias maiores do Litoral Norte são municípios independentes, onde uma população de milhares de pessoas habita com o conforto das grandes cidades gaúchas, porém sem os problemas que elas geralmente

apresentam: trânsito caótico nas horas de pico fora da temporada, poluição, além do estresse característico das grandes cidades. Aos poucos, famílias vêm se juntando às centenas de aposentados que, em busca de melhor qualidade de vida, escolheram o Litoral Norte para morar, ocupando permanentemente residências que, até cinco ou 10 anos atrás, eram apenas para o veraneio.

Acompanhando esses movimentos de transformação demográfica e atento ao potencial turístico do litoral do estado para além do período de verão, o Festival de Inverno Maré de Arte, uma iniciativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através da Pró-Reitoria de Extensão, construída em parceria com a Prefeitura de Tramandaí, tem como um de seus objetivos chamar a atenção da população e movimentar uma região que, fora da temporada de veraneio, tem sua dinâmica bastante reduzida: “a intenção é levar as pessoas de fora para aproveitarem aquela cidade não só pela praia, durante o verão” – afirma a Pró-Reitora de Extensão da UFRGS, Sandra de Deus.

Inspirado em festivais de inverno de outras universidades federais do país, como o Festival de Ouro Preto e Mariana (organizado pela Universidade Federal de Ouro Preto com o apoio da Fundação Educativa Ouro Preto e das prefeituras de Ouro Preto e Mariana) e o Festival de Inverno da UFPR, realizado anualmente em Antonina, o Festival de Inverno Maré

<sup>1</sup> De acordo com a Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler (Fepam), no Rio Grande do Sul, a região costeira perfaz um total de 43.000 Km<sup>2</sup>, envolvendo 46 municípios e se estende no sentido norte - sul por aproximadamente 620 km de costa retilínea. Com vistas à implantação de um processo de administração costeira, apoiada em instrumentos de planejamento e gerenciamento como o zoneamento ecológico - econômico (ZEE) – a região foi dividida em quatro setores; um deles é o principal destino da maioria da população do estado no período que vai de final de dezembro a fevereiro: Litoral Norte, faixa que vai do município de Torres (ao norte) até o município de Cidreira (mais ao sul).

# Maré de Arte: três anos de construção conjunta

IBIANA NILSSON – PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO\_UFRGS

FESTIVAL DE INVERNO CONSOLIDA PARCERIA ENTRE A UFRGS E A COMUNIDADE DO LITORAL NORTE

de Arte é um projeto que busca envolver a comunidade local não só como plateia das atividades, mas também com propositora. Em sua primeira edição, realizada em 2012, o Festival consolidou o processo de aproximação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a comunidade do Litoral Norte – uma trajetória cujo primeiro passo havia sido dado em 1978, com a inauguração do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da UFRGS<sup>2</sup> (mais conhecido como “Ceclimar”). Ao Festival de Inverno Maré de Arte, primeira iniciativa de grande porte de caráter essencialmente cultural na região, somou-se a construção do primeiro campus da UFRGS fora de Porto Alegre: o Campus Litoral Norte, localizado às margens da estrada ERS-030, entre os municípios de Tramandaí e Osório. O campus foi inaugurado em novembro de 2014, sedimentando o conceito de expansão universitária em uma área onde não existia ensino superior.

## CONSTRUÇÃO CONJUNTA

O Festival de Inverno Maré de Arte foi concebido como um encontro para viver a diversidade cultural do Litoral Norte, através das experiências artísticas e culturais

produzidas na Universidade e nas comunidades. Desta forma, ao longo de seus três anos de existência, foram-se construindo e consolidando relações de parceria entre a Universidade – através da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS e seus diversos departamentos – a Prefeitura de Tramandaí, e a comunidade local.

A primeira edição, realizada de 29 de julho a 5 de agosto de 2012, teve seu lançamento oficial em abril daquele ano, com um show da cirandeira Lia de Itamaracá e ofereceu uma grande variedade de oficinas (ao todo, foram 35), que iam de temas como dança, ao artesanato e à reciclagem. Também foram ofertadas palestras e espetáculos artísticos, com destaque para a apresentação do grupo circense Tholl, além de outras atividades culturais, como o Coral da UFRGS, a Orquestra Popular da Universidade, o Sarau Beatles, roda de dança gaúcha, o “Cinema Maré de Arte” e a exibição de documentários seguidos de debate. A segunda edição do Festival, realizada de 17 a 22 de agosto de

<sup>2</sup> A criação desse órgão auxiliar do Instituto de Biociências da Universidade visava preencher as lacunas de informações sobre os ecossistemas naturais do Litoral Norte, a necessidade de um inventariamento e conhecimento de sua fauna e flora, a observação da influência dos fatores ambientais e a interpretação da dinâmica do sistema, visando à preservação, recuperação e desenvolvimento sustentável da região.

2013, contou cerca de cem atividades realizadas com a população do litoral norte do estado, entre apresentações culturais, oficinas, festival de bandas e exposições. Grupos do exterior (de países como Indonésia, Iêmen e Israel) e de diversas partes do Brasil aproveitaram a passagem por Porto Alegre, onde ocorria o Festival Internacional de Folclore, e ministraram atividades no festival em Tramandaí. Outro destaque da programação foi a participação do Grupo Barbatuques, que além de ministrar uma oficina, realizou uma apresentação inesquecível. Novidades da segunda edição foram o Festival de Bandas, que movimentou a cena jovem de Tramandaí, e a Caminhada e Passeio Ciclístico, organizados em conjunto pela Divisão de Esportes da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), cujo objetivo foi o de abrir os trabalhos da segunda edição do festival, além de integrar, através do esporte, a comunidade do Litoral Norte gaúcho e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dando continuidade à parceria, a terceira edição do Maré de Arte, realizada de 23 a 28 de agosto de 2014, foi incluída no calendário das escolas municipais de Tramandaí, que participaram em peso do evento.

Como na segunda edição, o Festival teve início com a Caminhada e o Passeio Ciclístico. Durante os cinco dias do Festival o Centro de Eventos de Tramandaí abrigou 85 oficinas, 34 apresentações culturais, quatro exposições, dois espaços permanentes – atividades às quais se somaram dois grandes shows (da dupla Kleiton e Kledir e da banda Papas da Língua), realizados no Ginásio Municipal. A estimativa é que o público participante da programação tenha somado mais de 6 mil pessoas.

A grande novidade da terceira edição do evento foi a divisão por temas. A cada dia uma temática diferente, com oficinas e apresentações culturais correspondentes: Danças do Mundo, Grafite, Fotografia, Artes Integradas e Música. O aumento das apresentações culturais, que aconteceram paralelamente às atividades, também foi uma novidade de

2014. Muitas atrações contemplaram artistas locais e de outras cidades da região; osicineiros também não eram apenas da comunidade acadêmica. Além de professores e alunos, a comunidade local e da região também ministrou aulas.

O público não decepcionou e compareceu em grande número ao evento: algumas oficinas, inclusive, foram repetidas mais vezes do que o programado, devido à intensa procura das escolas, que não vieram só de Tramandaí, mas de outros municípios do Litoral Norte, como Imbé, Osório e Cidreira. O crescimento foi destacado pela Pró-Reitora de Extensão da UFRGS, Sandra de Deus, que

também apontou uma melhoria na infraestrutura: “Em 2014 nós aperfeiçoamos muito o festival. A estrutura foi melhorada, um palco externo foi montado especialmente para as apresentações. Em comparação com o ano passado, esta edição foi muito melhor e queremos que a cada ano o Maré de Arte cresça mais”.

O Festival consolidou mais uma vez a parceria da UFRGS com a Prefeitura de Tramandaí e a integração com a comunidade. Com atividades gratuitas, o evento abrangeu todas as faixas etárias. O reitor da Universidade Carlos Alexandre Netto explica que “o Maré surgiu quando decidimos trazer o campus para a cidade. Queríamos iniciar uma aproximação com a comunidade e nada como começar com arte e cultura, que todos podem aproveitar (...) O maior ganho da terceira edição foi a participação da população local; em 2014 tivemos um maior envolvimento, com mais escolas. E também da Universidade, mais grupos e colegas tiveram o interesse e trouxeram oficinas”, analisou Netto. Desde sua primeira edição, o Festival de Inverno Maré de Arte reafirma os objetivos pactuados ao longo da existência do FORPROEX<sup>3</sup>, muitos dos quais formalizados no Plano Nacional de Extensão Universitária. Por ter sido, desde o início, um festival construído em conjunto entre a Extensão e instâncias comunitárias de Tramandaí, o Festival valoriza a troca, o intercâmbio e a solidariedade, tornando-se ele próprio uma atividade de Extensão, cujo desenvolvimento implica relações multi-, inter- e transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade, privilegiando atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística regional do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. ■



dar o tom

tom

tom



ANA  
CAROLINA  
MAOSKI

# O Tempo do Artista

ENTREVISTA COM UIARA BARTIRA  
NO 24º FESTIVAL DE INVERNO DE  
ANTONINA

Uiara Bartira, artista plástica curitibana, participou em 2014 da 24ª edição do Festival de Inverno da UFPR com a oficina Fragmentação e Deslocamento na Pintura. Conhecida pelo seu trabalho com Gravuras - trabalhos “mais densos ligados às questões cerebrais, da memória, da dor, da questão científica da arte” como a própria artista descreve, Uiara optou pelo trabalho com a pintura em sua oficina. A pintura, mídia por muito tempo considerada como superada, volta nesse momento sob a orientação de Uiara atrelada ao seu processo de pesquisa pessoal da cor.

Em uma sala improvisada, com dois dos seus últimos livros à disposição - *Ecce Mondo* e *[Conciliar]* – Uiara concedeu a entrevista que perpassa por questões da sua produção e forneceu um panorama do trabalho que orientou sua oficina no Festival.

Durante a sua fala, a questão do tempo era sempre recorrente, mas não parecia ser problema para a artista, que está sempre se reinventando e procurando novos caminhos para explorar a arte.

**TOM:** Você é uma artista que possui uma longa trajetória e uma série de trabalhos realizados e expostos em inúmeros espaços, por que você decidiu trazer a sua experiência nesse momento para o Festival de Inverno em Antonina com a oficina *Fragmentação e Deslocamento na Pintura*?

**Uiara:** Desde que eu fiz a escola de Belas Artes, o que mais me chamou a atenção na pintura foi a questão da cor. Desde então, eu venho trabalhando a cada época uma especificidade dessa pesquisa e aplicando no ensino da pintura. Como eu trabalhava com muitas coisas - eu sou um pouco ansiosa, polivalente - eu fui ordenando essas pesquisas da cor. Tanto que agora eu lancei um livro - *Ecce Mondo* - em que eu escrevi um texto que reflete sobre as formas,

o movimento e a cor para poder ensinar mais facilmente toda a questão estética da pintura contemporânea, que trabalha mais a visualidade do que a pintura europeia.

A cada época que eu faço uma oficina como essa, eu aprofundo mais a questão da cor.

Ao mesmo tempo que eu trabalho com os alunos, eu aprofundo a minha investigação.

Como eu lancei agora esse processo estético sobre a cor, a minha oficina vai muito

calcada em cima da minha pesquisa pessoal que é fragmentação da modernidade e o deslocamento da arte contemporânea.

Então eu associo as duas coisas. Vou aplicar essa oficina, e logicamente isso vai ter um resultado teórico que eu depois incluo na parte da docência. É o professor-pesquisador, eu sempre fiz isso.

Aquela história que o Oiticica diz, a arte é um processo, não existe um fim ou um começo. Meu processo é muito assim...

Na nossa geração, não dá para fugir disso. Quando eu pensei que eu terminei o estudo da cor, me apareceu a oficina e eu disse 'puxa, tenho mais coisa para pesquisar'. Vou partir daquilo que eu já fiz para uma pesquisa posterior. É a ida e volta para o aluno, aí depois você recebe de novo.

“Quando eu pensei que terminei o estudo da cor, me apareceu a oficina e eu disse ‘puxa, tenho mais coisa para pesquisar’”.

TOM: Todas as oficinas do Festival têm muito a questão da troca, de trazer uma coisa da sua experiência de vida para pessoas que muitas vezes não tiveram contato com isso. O quão importante você considera a questão da troca para o seu trabalho e para as pessoas com quem você está se relacionando?

Uiara: Eu fiz os primeiros encontros de arte em Antonina onde eu comecei o trabalho de pintura. Hoje eu tirei a fotografia do lugar onde está a minha primeira pintura na cidade. Você vê como é tudo pertinente para mim, nada é assim... nada... passei lá, fotografei. Então, a partir do que eu vou aplicar aqui, já estou pensando num resultado também para o Festival, que é a minha contribuição. Estava conversando com a Deise Picanço - Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFPR - sobre o que eu penso, das possibilidades de abertura para o Festival, em função da minha experiência com mostras internacionais, com crítica, com teoria... como é que o Festival poderia crescer.

A pintura hoje... ela tem... a gente vive nesse mundo imagético e a arte digital, que é a arte hoje tecnológica, é calcada nessa questão da construção da matéria, da palavra, da forma. Então eu não podia trazer outra oficina para um lugar onde o meu nicho de pesquisa foi esse e onde eu posso contribuir. Dar um passo à frente para o Festival que é tradicionalíssimo e tem uma responsabilidade muito grande, porque eu acompanhei essa história desde a criação dos encontros de arte aqui. Por isso que eu chamei Antonina de cidade-arte no Paraná, porque ela é arte latente. A gente não pode mexer nela desestruturando e sim aproveitando todo esse trabalho que é feito aqui.

que eu  
da cor,  
na e eu  
mais coisa



“Para a crítica, teve um função do dadaísmo, que todo essas linguagens,

Acho que por isso não foi por acaso que eu vim para cá.

TOM: Você ainda tem essa questão da fragmentação na pintura e a questão da tecnologia. Mas, a pintura, ainda hoje, é uma tecnologia, e precisa ser questionada inclusive. Tem um pessoal vídeo arte - arte ciência questionando muito os pintores, falando que é uma mídia superada. A gente vê hoje, nas últimas exposições, por exemplo no MAC, no MON, na própria Pinacoteca de São Paulo, pintura e pintura sobre tela. Como você pensa a

pintura em meio ao panorama contemporâneo da arte?

UIARA: O Fernando Calderari que foi meu professor, meu mestre, dizia ‘fique quieto e pinte!’ com aquele jeito. Eu já sempre fui muito curiosa, queria saber, gostava de filosofia, estética. Muito filósofa. Então, o que eu te digo é o seguinte: para a crítica, teve um momento em que a pintura morreu, a arte morreu, mas foi em função do dadaísmo, que se opôs e foi perguntar o porquê da arte. Foi um mal necessário, porque realmente chegamos à parte conceitual mais purista. Só que o tempo todo essas linguagens, essas mídias não morrem, elas simplesmente se renovam. Nunca, jamais a pintura morreu. E preciso entender que o mercado é quem comanda isso. Se o mercado disser que a pintura morreu, as galerias vão todas achar que a pintura morreu. Ela interessa

momento em que a pintura morreu, a arte morreu, mas foi em  
e se opôs e foi perguntar o porquê da arte... Só que o tempo  
essas mídias não morrem, elas simplesmente se renovam”.

mercadologicamente. Não sou nenhuma ingênua, tenho 60 e  
tantos anos e posso dizer por vivência e cultura. Trabalhei até na  
Bienal de São Paulo e as minhas vivências lá dentro, se eu contar  
ninguém acredita na loucura que acontece. Em todos os aspectos  
da vida, existem interesses que são em função do vil metal. Com o  
tempo, entrou a tecnologia, essa coisa toda. Mas não quer dizer que  
porque a tecnologia vai acontecer, as coisas vão morrer. Elas vão se  
transformar, interagir.

Meu mestre me dizia ‘continue pintando’ e eu acreditava, porque a  
obra dele me dava respaldo. Hoje, a pintura voltou com tudo. Os  
artistas estão desesperados. E eu tive a felicidade de acreditar naquele  
mestre antigo e continuar fazendo a pesquisa da pintura. Quem não  
trabalhou mais, hoje é desesperado. Eu vejo isso na escola de Belas  
Artes, porque tem professores de pintura que não pintam. Como é  
que eles vão ensinar pintura se não sabem pintar? É uma briga de  
foice ali dentro.

A tecnologia, as técnicas fotomecânicas, têm um dono. Fulano  
inventou a prensa da litografia, fulano inventou a fotografia. Metal,  
ponta seca, todo mundo tem dono. A pintura não tem dono, porque  
ela surge com o homem. Todo mundo quer reinventar a pintura,  
ser o dono dela, e nunca vai ter um dono, porque ela não é uma  
tecnologia, ela é um processo natural que é do sincretismo. É uma  
decorrência do sincretismo e não de uma tecnologia. Por isso que  
ela é matéria, corporeidade. Ela tem uma relação imensa com a  
humanidade. Não é o humanismo do Renascimento não, é o nosso  
corpo mesmo transmutado. Por isso que ninguém superou Iberê  
Camargo até hoje no Brasil. Porque você se deixa penetrar com a  
obra dele, o artista entra em você e você entra na obra. E corpo e  
alma ao mesmo tempo.



“Eu procuro fazer que o meu aluno busque a sua estética e não que ele faça aquilo que eu quero que ele faça. Eu acho que a liberdade é a parte mais importante da arte”.

TOM: Eu poderia dizer que a sua oficina aqui, em parte é essa estratégia de disparar processo, se interessar por um processo de construção, por um jeito de fazer trabalhos e não necessariamente se enquadrar numa escola.

UIARA: Exatamente. Eu procuro fazer que o meu aluno busque a sua estética e não que ele faça aquilo que eu quero que ele faça. Eu acho que a liberdade é a parte mais importante da arte. Jamais se enquadrar numa escola. E sempre uma busca de um processo pessoal para que aí sim, ele me mostre em que tempo ele está – porque cada um tem a sua temporalidade. No início, eu faço um trabalho de memória. Eu faço uma regressão, um trabalho de regressão aos pontos que eles têm que não são trabalhados. Eu entro com a psicologia, com a psicanálise, com a terapia, tudo isso junto. Na verdade é uma semiótica aplicada. Não é aquela “peirceana”<sup>1</sup>, que você chega e... Que é muito parecida com a semiótica das paixões. E mais pelo sentimento, pelo afeto, do que analítica. Mas tudo isso eu não preciso explicar para o aluno, é uma coisa que eu tenho que saber e ele não. Ele vai saber se ele quer. Agora, se eu contar tudo isso, ele vai dizer ‘Meu Deus! Que que é isso, não estou entendendo da missa a metade’. E se ele fizer isso naturalmente pela obra que ele está desenvolvendo, ele se acha com muita facilidade e ele vai ter interesse de ler alguma coisa que dê respaldo. Eu parto desse princípio, de fazer um laboratório e aí extrair onde eu vou trabalhar.

<sup>1</sup>Uiara Bartira refere-se a Charles Sanders Peirce (1839-1914), pai da semiótica pragmática.



TOM: Como procedimento, você vai usar a pintura sobre papel?

UIARA: Não, sobre tela. Porque eu acho que daí eu dou o enfoque necessário à pintura. Se fosse uma coisa mais longa, no primeiro momento eu pensaria ‘não, vou trabalhar alguns desenhos, para poder tirar deles quem são.’ Eu tenho que conhecê-los. Se fosse um curso de um mês, dois meses, você vai trabalhando... mas aqui não, você tem cinco dias para extrair um material. Então eu já entro com a pintura porque faz tomar uma direção mais imediata. E essa metodologia que eu inventei – fui criando à medida de dar aula, talvez um dia eu sente para escrever, mas é muito intuitiva – eu faço assim, ele vai trabalhando nas coisas que ele não está conseguindo mexer, porque a gente nega o tempo todo os nossos problemas. Então cada ponto que ele não conseguir, é ali que eu vou mexer. Aquilo que doer, aquilo que é bom eu não quero que ele repita. Eu digo “olha, isso e aquilo você vai desenvolver em casa”.

TOM: E em termos de uma estética, o que você espera da pessoa?

UIARA: Eu entro com a análise gráfica da obra. No primeiro momento da aula, por exemplo, eu desenvolvo a parte psicanalítica e já em seguida eu faço um processo da plástica junto. Nunca em separado. Fazer a história, estética, plástica e poética. Senão você não faz. A poética é a física quântica, é aquilo que vem de fora. Aí você vai trabalhando esses quatro elementos, você dá conta e faz trabalhos incríveis. Quando você vê, a pintura surge. Não fica aquela coisa... E não é por isso que eu não posso trabalhar a figuração, trabalhar uma paisagem, nada disso. Mas no tempo da pessoa. Não tenho uma temática, não... Vamos fazer abstração? Não! Cubismo? Nada disso...



Não entra em “ismo”, em lugar nenhum, porque o “ismo” já foi. Você pode fazer para ver o tempo do artista. Aparece lá uma coisa, você olha e ‘ah, ele tem uma relação com Cézanne’. Aí você diz ‘a partir do Cézanne, você vai pesquisar esse e esse artista’. Então ele vai conhecendo, porque a maioria também não conhece a história da arte com profundidade. Para isso, eu tenho que conhecer bem a história da arte, a estética. Eu tenho, como professora. Ele, aos pouquinhos vai se enquadrando e vai se achando. Você pense quantos anos já não se tem de história. Se você começar a fazer linear: primeiro é o renascimento, depois o barroco, ... o cara morre. Se você der a oportunidade pra ele de dizer ‘puxa, eu comecei com Matisse’. Então tá, quem é o Matisse? Como é que ele funciona? Como é que é a construção da pintura dele? Pronto! Então eu tive que fazer uma metodologia assim para acelerar o processo do artista. Senão fica aquela coisa que delonga uma vida. Hoje ninguém mais tem tempo.

TOM: Apanhado bem rápido: como você chegou aqui e que momento você está vivendo agora na sua produção?

UIARA: Eu jurei que nunca mais iria fazer uma gravura em metal na minha vida, mas a Universidade me chamou para dar um curso de gravura em metal. Então na próxima semana eu vou para lá. A gente não manda, você não diz ‘eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo’. As coisas vão acontecendo. Eu jamais pensei que eu viria aqui dar um curso de pintura. Eu pensei que tinha encerrado essa questão e iria abrir outro campo de pesquisa.

Eu estou começando uma mostra que eu vou fazer no MON, se Deus quiser, que é a minha pesquisa de doutorado, sem ser acadêmica. Que é: Arte – decodificação cosmológica, são os novos segmentos do cérebro em relação aos novos segmentos da arte e onde eles se localizam no cérebro humano. É um negócio complexo que eu venho fazendo há 30 anos. Para isso, eu tenho mais de 2 mil imagens gravadas em papel glosspaper no computador que eu quero transformar em um grande painel que representa todos esses segmentos. Em relação ao trabalho, eu também tenho que terminar a parte de descrever esse processo todo que eu já realizei. Aí eu tenho que voltar para gravura.



A pintura eu vou levando nas oficinas, vou pesquisando outros caminhos. Acho que ainda tenho muita coisa para fazer. Eu já fiz muito, mas não sei se é do meu signo, ariano é assim. Quanto mais ele faz, mais ele acha que não fez nada - e será que vai dar tempo de eu fazer tudo?

“Eu já fiz muito, mas não sei se é do meu signo, ariano é assim. Quanto mais ele faz, mais ele acha que não fez nada” ■



errâneas



visuais  
visuais



#1\_E



# duardo Nascimento

fotógrafo, professor aposentado da ufpr. vive em antonina





















































# #2\_Iphan

co nacional de antonina. autoras do ensaio: lia mity ono & mariana maximino





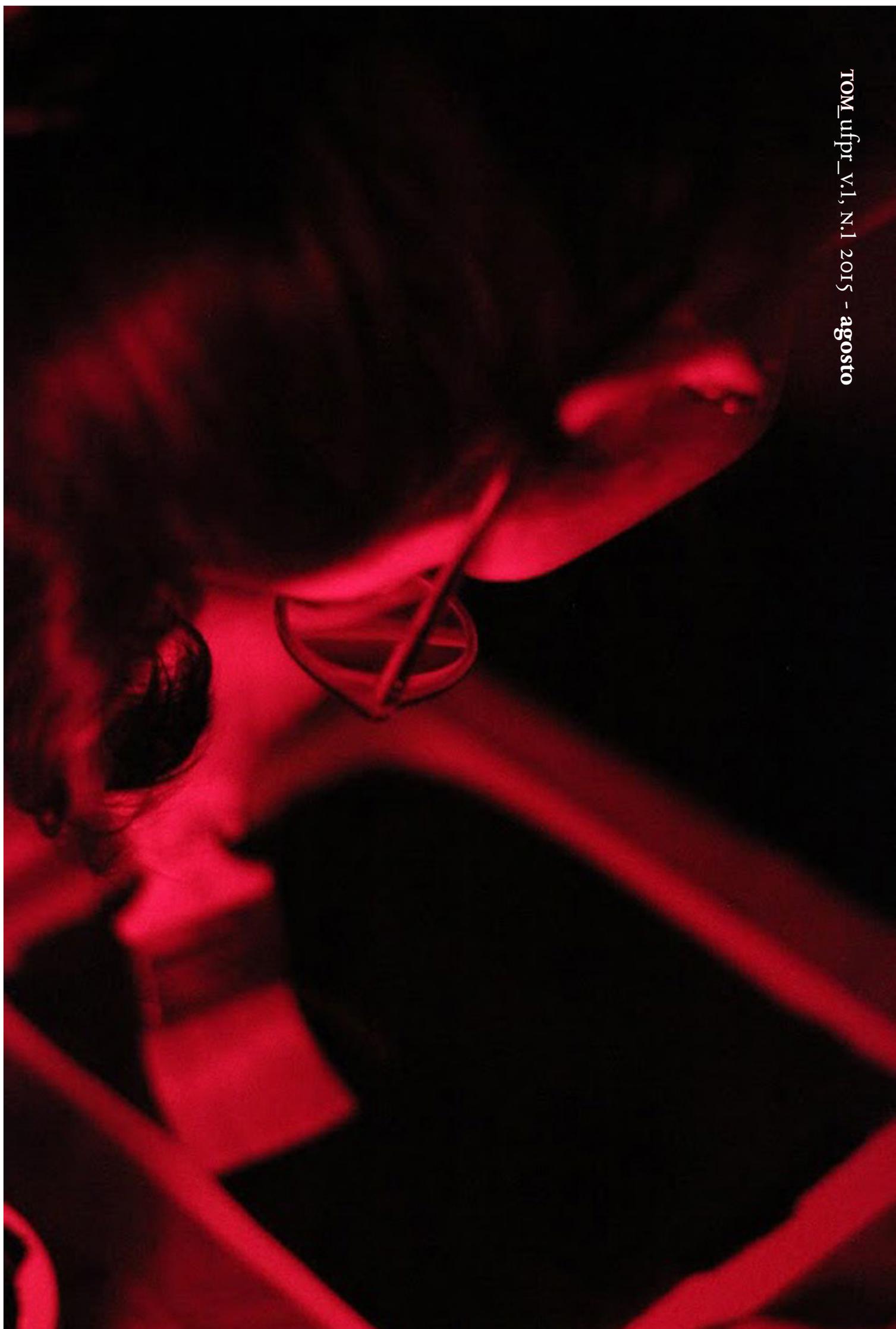
A Camara Municipal  
Marcel Nunes Barboza

		Deve
1880		
Mai 4	1 Caixa de herozene	104000
" 13	" " " "	104000
" 28	" " " "	104000
Junho 7	" " " "	104000
Somma Rris		404000

Antonina 17 de Junho de 1880

~~João de Deus~~  
João de Deus 17/85  
Alfred Barboza

Recibi a presente conta  
em 13 de Julho de 1880  
Por M. Marcel Barboza  
Alfred Barboza





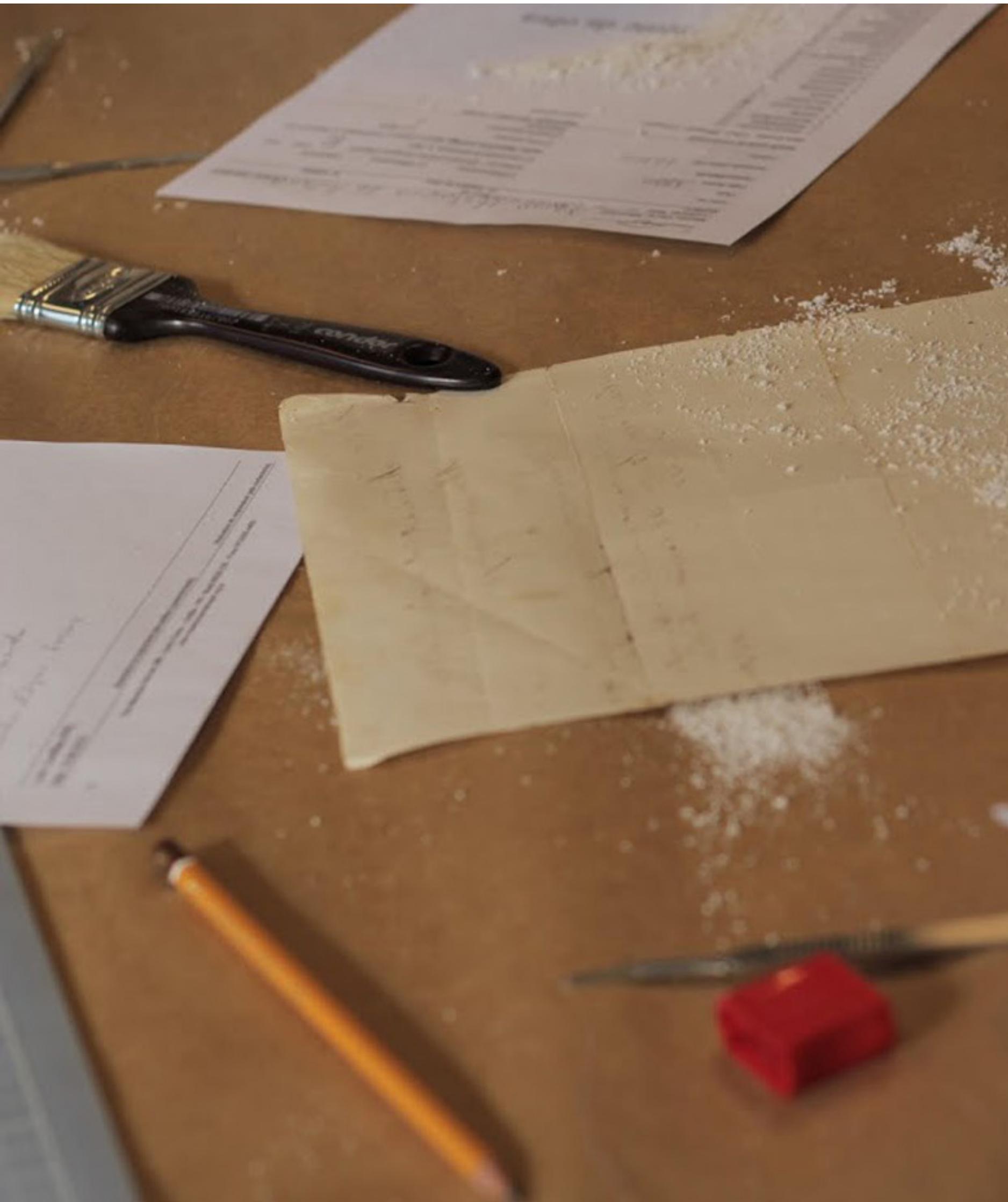






















# #3 Ana Lino

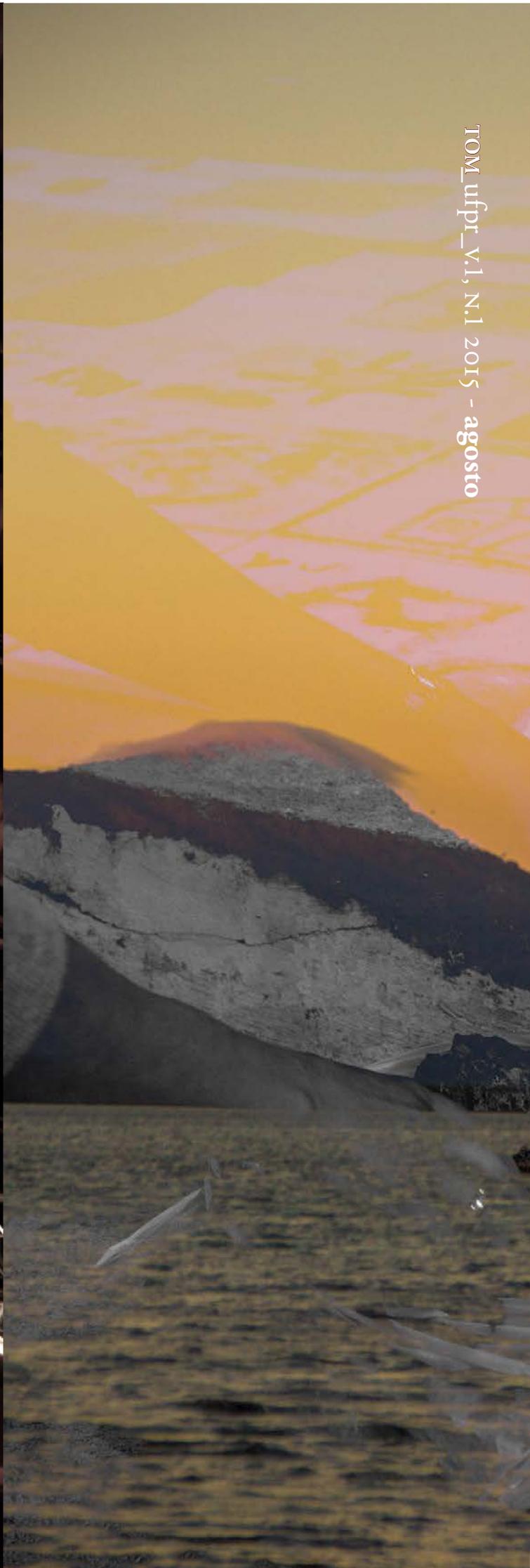
estudante de design, fotógrafa.





TOM\_ufpr\_v.1, N.1 2015 - agosto





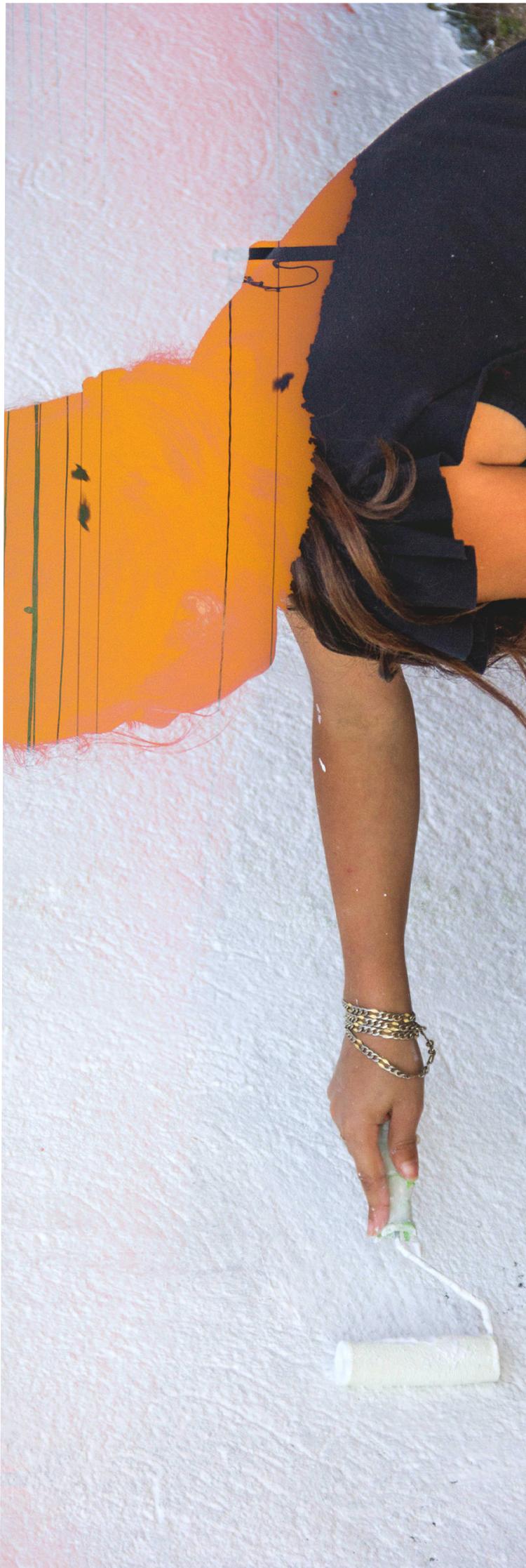
TOM\_ufpr\_v1, N.1 2015 - agosto













TOM ufpr\_v.1, N.1 2015 - agosto



# Notas

notas dissonantes

Somente



notas

UNOSSIT

notas dissonantes

dissonant

# Depoimentos e devaneios poéticos

CAINÁ ALVES

Caros leitores,

Me chamo Cainá Alves, tenho 25 anos e atualmente sou o maestro da Filarmônica Orquestra Show e curso o mestrado em etnomusicologia na UFPR. Nasci na cidade de Curitiba no ano de 1990, e com quatro meses fui morar na pacata cidade de Antonina. Tenho orgulho em dizer que cresci com o Festival, e participei de diversas formas. Quando pequeno, era levado para assistir às apresentações infantis, que ocorriam diariamente na semana do Festival. Minhas primeiras oficinas foram em 1998, nas quais já começava a desenvolver meu lado artístico em cursos sempre ligados a alguma vertente da arte. Com apenas nove anos comecei a estudar na Filarmônica Antoninense e a me interessar por cursos na área de música. Durante o período na Filarmônica foram 11 oficinas com nomes consagrados da



música brasileira, como: Ian Guest, Mônica Giardini, entre outros. Além disso, a partir de 2004 comecei a tocar nos shows com a Filarmônica Orquestra Show. Sempre aguardava ansioso a chegada de mais um Festival, para trocar experiências e apresentar aquilo que eu mais gostava de fazer: música. Posso afirmar, com convicção, que o Festival teve um papel fundamental na minha escolha profissional, mostrando como é importante a arte e a cultura para a vida e o desenvolvimento humano. Sendo assim, em 2008 ingressei no Bacharelado em Produção Sonora na Universidade Federal do Paraná e conheci a equipe da Coordenadoria de Cultura da UFPR, começando então a ver o Festival de outro lado, sendo monitor de infraestrutura do evento, e acompanhando várias etapas de realização do mesmo. Foram quatro festivais com experiências maravilhosas, ao lado de pessoas, como a querida Lucinha Mion, que tentavam sempre fazer o melhor para que o Festival fosse inesquecível. Durante esse período além de participar da vida universitária, ingressei no Grupo de MPB da UFPR cantando e, posteriormente, fazendo arranjos. Posso dizer que consegui percorrer os três pilares do ensino superior – a pesquisa, o ensino e a extensão. Acabei o bacharelado com a sensação de ter dado minha contribuição para a sociedade, e de ter aprendido, além da música, como um grande evento de extensão universitária é pensado e planejado. Em 2012 retornei para a cidade de Antonina, assumindo a



regência da Filarmônica Orquestra Show e me apresentando pela primeira vez como regente oficial da Orquestra no 22º Festival de Inverno. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida ver toda a avenida lotada para prestigiar um trabalho do qual eu era o responsável. Foi como se um filme estivesse passando em minha cabeça, lembrando aquela criança que começou a conhecer o Festival através das oficinas infantis e que naquele instante tinha chegado a um dos grandes momentos desse evento. A emoção é indescritível. Em 2014 iniciei o curso de mestrado na UFPR, continuando a participar do evento como regente da Filarmônica Orquestra Show. Nesses 25 anos de vida do Festival de Inverno, o evento cresceu e atinge hoje um grau de maturidade muito grande, promovendo o desenvolvimento do município em diversas frentes. Tenho orgulho de fazer parte dessa história. Tenho orgulho de ser uma das “crias” do Festival de Inverno. Tenho orgulho de ser aluno da UFPR! Vida longa ao Festival de Inverno!

### **conquistando a cidade através da dança**

O projeto social Corpo em Movimento está envolvendo Antonina desde 2013. Para aprender a dançar, os jovens alunos devem ter presença na escola, boas notas e bom comportamento em casa. Em 2014, o projeto ganhou a experiência dos mais velhos com a abertura de uma turma da terceira idade.

Todos os alunos apresentaram o resultado de seu aprendizado na primeira noite de Festival, juntamente com a escola Ballet Coppélia. O espetáculo no Theatro Municipal foi intitulado “Balé de Antonina” e atraiu pais, amigos, familiares e curiosos.

### **carnaval em antonina é o ano todo**

O Bloco Folclórico Boi Barroso mantém viva a cultura carnavalesca de Antonina. O grupo se reuniu na manhã do segundo dia de Festival para expor fantasias e contar a sua história

– tudo acompanhado de música ao vivo.

A atual presidente do Bloco, Vera Lucia Pinto do Nascimento, foi condecorada com o título de Cidadã Benemérita de Antonina pelo trabalho exercido: além do carnaval e da tradicional dança da balainha, Lucia ajuda a organizar projetos sociais com o Bloco.

### **grupos artísticos da ufpr marcam presença**

Os seis grupos artísticos da UFPR apresentaram seu trabalho ao longo do Festival de Inverno. Na noite do dia 20, o Grupo de MPB comemorou seu aniversário de 20 anos com a variedade de ritmos do espetáculo À Brasileira. Logo em seguida, o Coro da UFPR encantou a plateia da Igreja São Benedito, com a obra de compositores como Rheinberger, Bruckner e Mendelssohn. Já a Orquestra apresentou um concerto memorial do centenário da Primeira Guerra Mundial, o Música em tempo de Guerra.





Na noite seguinte, o Madrigal da UFPR apresentou o espetáculo Eros e Thanatos, que conta com textos poéticos de forte carga emocional.

Na sexta noite de Festival (25), a Têssera Companhia de Dança apresentou o espetáculo Coelhos, que discute violência e conflito nas relações humanas. Para encerrar as atividades, a Companhia de Teatro PalavrAção encenou a peça 3962, que retrata a relação de conflito entre dois guardas e um prisioneiro de forma bem humorada.

**vem brincar na praça e na escola você também, vem!**

As crianças de Antonina ganharam um espaço especial no Festival de Inverno! O Vem brincar na praça! foi organizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Educação Física da UFPR e aconteceu nas tardes de 20 a 26 de julho. Os bolsistas do projeto realizaram diversas brincadeiras e atividades recreativas com as crianças de Antonina. Para aquelas crianças que não puderam ir até à praça, as atividades foram levadas até algumas escolas da cidade.

Ana Clara Carraro foi brincar todos os dias e disse que estava ansiosa pela chegada do Festival. “O que eu mais gostei foi de jogar pique-bandeira, porque a gente sempre estava pedindo para os monitores e eles fizeram de fechamento”, conta a menina.



### O lado teatral do litoral

Dos três grupos de teatro da UFPR litoral, dois se apresentaram no terceiro dia de Festival. A Cia. Mirim encenou uma adaptação do texto Pluft, o fantasma, em estreia oficial da montagem. O grupo arrancou muitos risos da plateia e despertou a curiosidade das crianças presentes.

Já a Cia. Juvenil apresentou a peça No País dos Prequetés, primeira montagem artística do grupo. O espetáculo encantou o público com o colorido dos figurinos, com a interação entre atores e público e com os arranjos musicais de Letícia Valérie, diretora da peça.

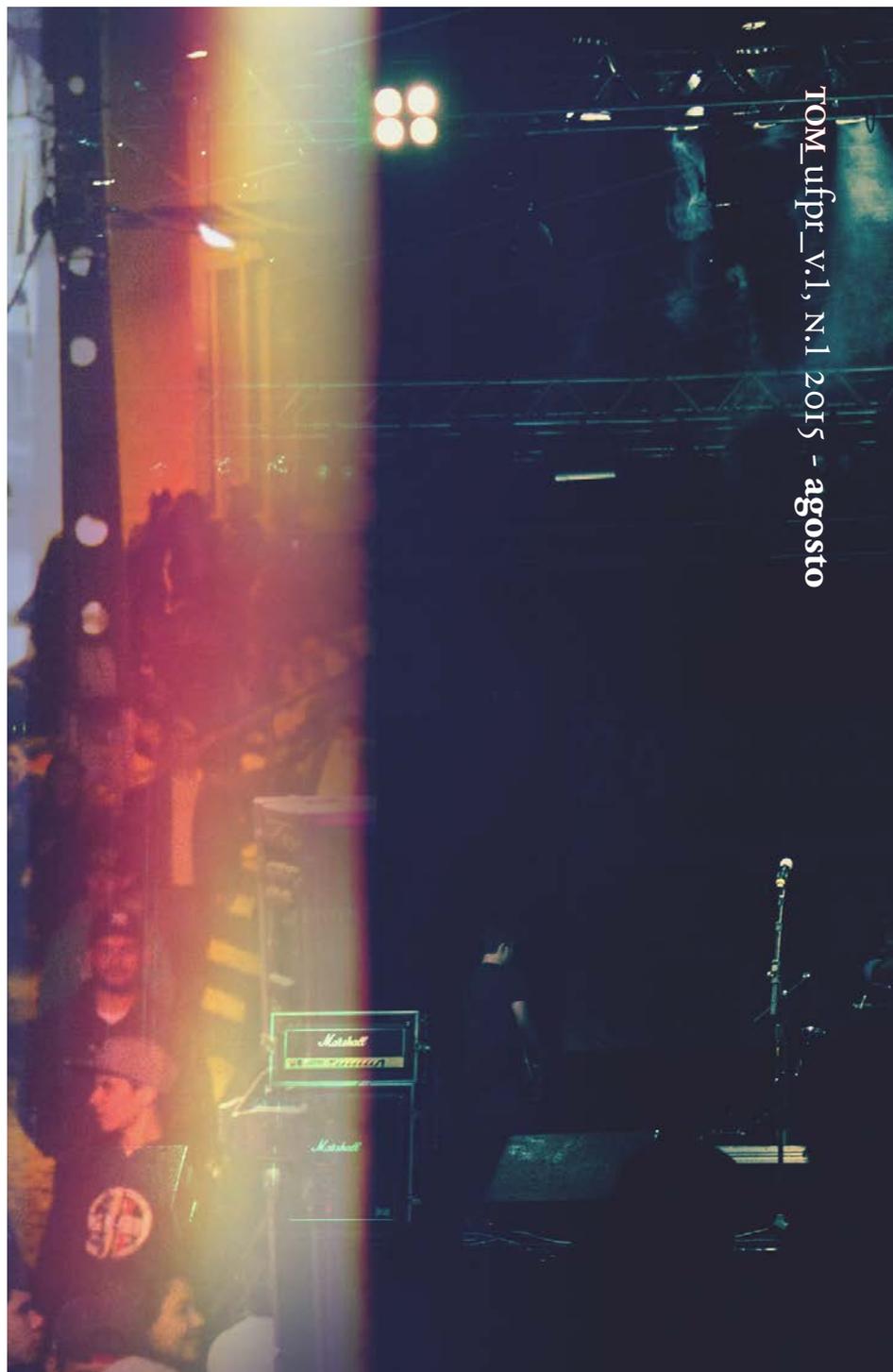
### Um dia de trabalho para pequenos artistas

As crianças do projeto Coro Gato na Tuba vivenciaram troca e diversão na tarde do sexto dia de Festival. O grupo assistiu a peça de teatro Nina e o Reino das Galochas, da Boreal Companhia de Teatro, e curtiu as brincadeiras do Vem Brincar na Praça!

Por fim, o Coro se apresentou no auditório do Colégio Brasília Machado. As crianças cantaram músicas como Aquarela e Maria Maria, e estavam “com o sorriso de quem passou a tarde toda brincando”, como comentou a regente Ana Cristina Lago.

### De dia banda, à noite orquestra

A Filarmônica Antoninense faz história há mais de 35 anos. Atualmente, conta com 260 alunos entre 15 e 16 anos, sendo 82 bolsistas custeados pela Prefeitura de Antonina. Os jovens músicos tiveram presença marcante durante o Festival.



TOM\_ufpr\_v.1, N.1 2015 - agosto

Ao longo da semana, eles participaram da oficina de Prática de Banda Sinfônica, ministrada pelo maestro paulista Roberto Farias. O resultado do aprendizado pode ser apreciado pela comunidade em um concerto, no sábado de manhã.

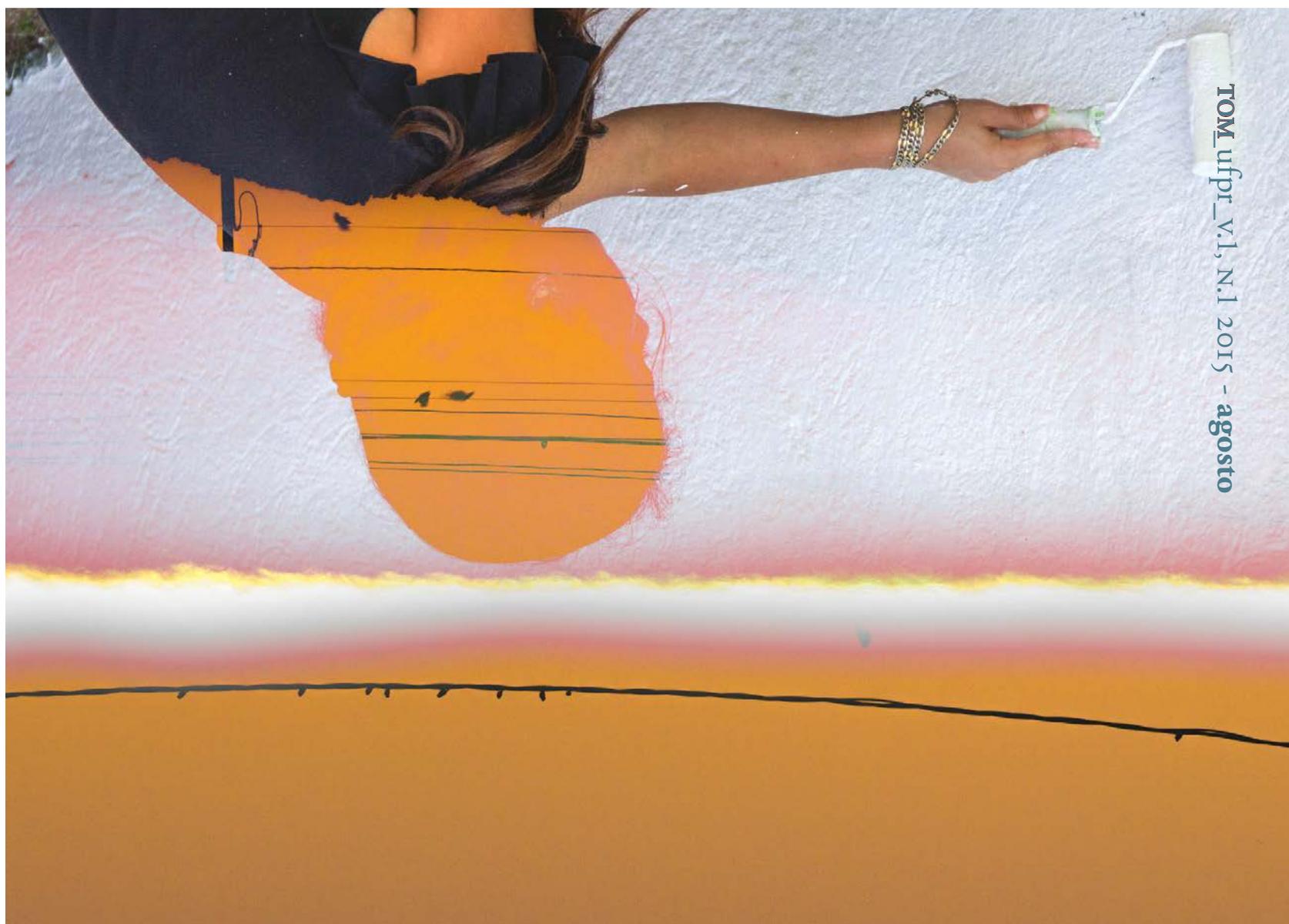
Na noite anterior a Filarmônica já tinha agitado Antonina, como Filarmônica Orquestra Show. A formação mais jovem e arejada mistura elementos de orquestra, coreografias bem ensaiadas e música popular.



### **festival em números**

Ao longo do Festival, foram realizadas 40 apresentações artísticas, 32 oficinas e 7 atividades paralelas com o apoio de parceiros do Festival, além do Vem brincar na praça!, exclusivamente para as crianças. Todas as atividades foram gratuitas e procuraram abranger as mais diversas linguagens artísticas.

Entre as apresentações, 12 foram teatrais, 19 foram musicais, 2 foram de dança, 5 aconteceram em espaços públicos e 2 em escolas. Já entre as oficinas, 9 foram demandas específicas da comunidade de Antonina.



### os parceiros do festival

Além da extensa programação principal, o Festival contou com 7 atividades paralelas realizadas por seus parceiros.

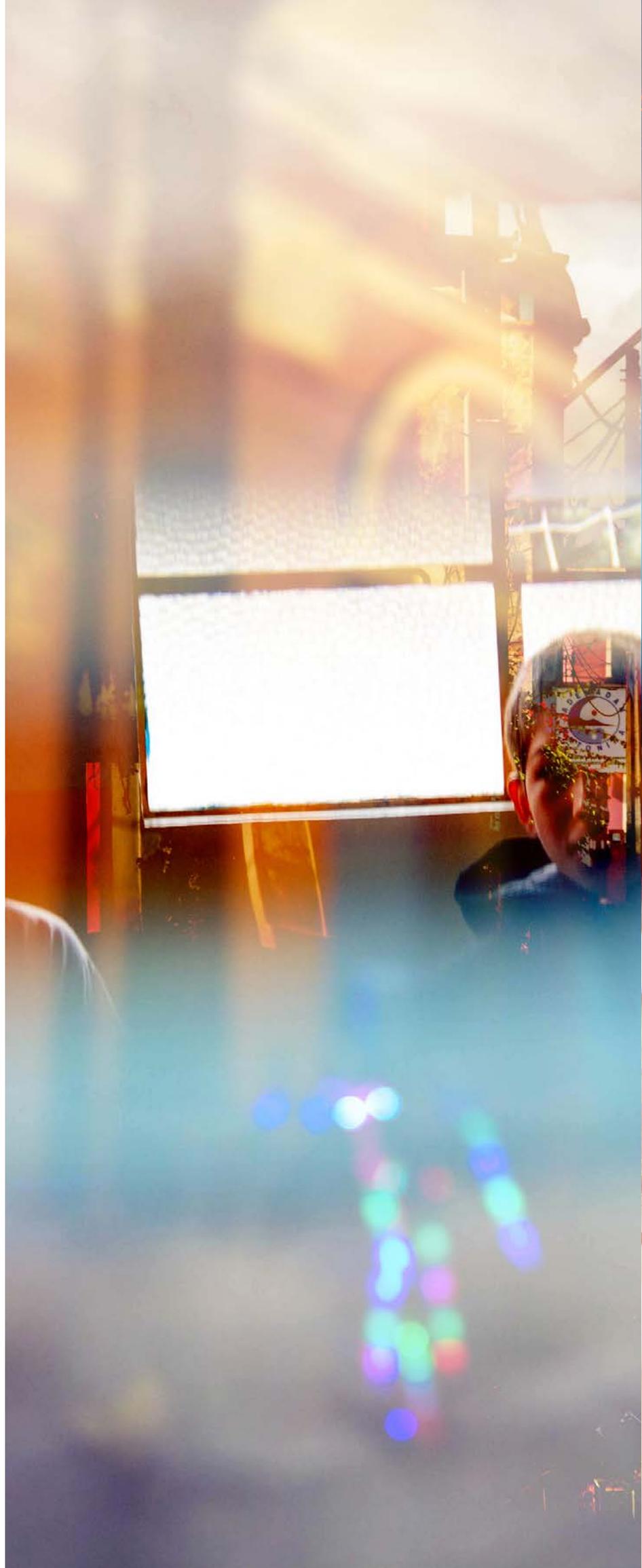
O Grupo Escoteiro do Mar Amigo Vermelho ofertou aos alunos da rede pública de Antonina um dia de vivência em um acampamento. O Programa Ciclovida promoveu um passeio de cicloturismo entre Curitiba e Antonina no dia 19 de julho. O Sesc Paraná realizou duas mostras de cinema, totalizando 7 filmes exibidos. O Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE) levou até o público um pouco de seu trabalho, expondo produtos e publicações. A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), programa de ensino, pesquisa e extensão da UFPR, promoveu uma conversa sobre associativismo e cidadania.

Além disso, as atividades do Coro Gato na Tuba e o Vem brincar na praça! também fizeram parte da programação paralela.

## lançamento de livros

A Editora UFPR promoveu o lançamento de três livros no segundo dia de Festival: Museu dos Instrumentos Musicais, do professor Juarez Bergmann Filho; Do som ao sinal: história da notação musical, livro francês de Jean-Yves Bosseur, que ganhou uma tradução para o português pelas mãos do professor Marco Aurélio Koentopp; e Antonina dos meus dias: revisitada, livro de fotos de Eduardo Nascimento.

O evento também contou com uma palestra de abertura ministrada pelo professor Juarez Bergmann Filho. Bergmann falou sobre a transformação da escrita musical e sobre o desenvolvimento dos instrumentos musicais.





### memória gráfica do festival

O Festival de Inverno foi escolhido como tema para a ilustração da Agenda 2015 da UFPR. “Este ano, tendo em vista os 25 anos do Festival de Inverno, achamos que o tema, que aborda um evento institucional, tradicional e de sucesso, seria pertinente para a Agenda”, conta o Prof. Gilberto de Castro, diretor da Editora UFPR (gestão 2009 - 2015).

Foram utilizados no interior da Agenda os cartazes que ao longo desses 25 anos definiram a comunicação visual do Festival. A equipe de bolsistas de Design da Coordenadoria de Cultura realizou um processo de catalogação desses cartazes, resultando em um trabalho de memória gráfica do evento. ■

<b>título</b>	TOM UFPR
<b>imagens</b>	Ana Lino (bolsista) e Mariana Midori (bolsista)
<b>revisão de texto</b>	Rebeca Pinheiro Queluz
<b>projeto gráfico</b>	Victor Uchoa (bolsista)
<b>SUPERVISÃO E PRODUÇÃO</b>	
<b>editorial</b>	Rita Soliéri Brandt e Ronaldo Corrêa
<b>editoração eletrônica</b>	Victor Uchoa (bolsistas)
<b>formato</b>	700 x 990 px
<b>tipografia</b>	Abril Fat Face & Adobe Garamond Pro
<b>número de páginas</b>	142
<b>periodicidade</b>	semestral

O TOM UFPR é uma publicação desenvolvida por estudantes bolsistas sob a orientação de professores do curso de Design da UFPR em colaboração com a equipe da Coordenadoria de Cultura - PROEC.



